

M

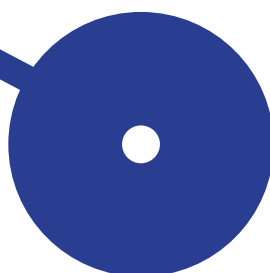
MESTRADO

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Conceções de criatividade musical: perceções de docentes de Música das AEC

Cláudia Maria Araújo Carneiro

07/2022



Cláudia Maria Araújo Carneiro

**Conceções de criatividade musical: perceções de docentes de
Música das AEC**

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientação: Doutora Graça Boal-Palheiros

Doutora Ana Luísa Veloso

Porto, julho de 2022

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Cláudia Maria Araújo Carneiro

**Conceções de criatividade musical: perceções de docentes de
Música das AEC**

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientação: Doutora Graça Boal-Palheiros

Doutora Ana Luísa Veloso

Porto, julho de 2022

AGRADECIMENTOS

Esta investigação representa o culminar de mais uma etapa do meu percurso académico.

Neste sentido, gostaria de agradecer a todos que se me acompanharam, apoiaram e incentivaram durante esta etapa.

Assim, agradeço:

Às professoras Graça Boal-Palheiros e Ana Luísa Veloso pelos conhecimentos transmitidos e por toda a ajuda no desenvolvimento do estudo.

A todos os professores entrevistados pela disponibilidade em colaborar no desenvolvimento da investigação.

Aos que, de alguma forma, partilharam e transmitiram conhecimentos fulcrais para o meu futuro profissional.

Aos meus amigos.

À minha família.

RESUMO ANALÍTICO

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. O relatório é desenvolvido em três capítulos. Sendo que, no primeiro capítulo é realizada uma descrição reflexiva das observações realizadas em contexto do 2º ciclo de Educação Musical no Ensino Básico.

O segundo capítulo é constituído pela caracterização da escola e da turma com a qual foi realizada a PES, bem como uma reflexão fundamentada quanto às opções metodológicas aplicadas, os desafios que foram surgindo e como foram ultrapassados.

No terceiro capítulo é apresentado o projeto de investigação intitulado “Conceções de criatividade musical: perceções de docentes de música das AEC”. Verifica-se que a “educação musical” (EM) contempla a realização de atividades para potenciar as capacidades do sujeito. No que concerne às atividades de criatividade musical, ainda não é claro entre a comunidade profissional quais são os seus benefícios e por isso, estas não têm, muitas vezes, lugar de destaque na disciplina de Educação Musical. Com este estudo pretendemos compreender quais são as conceções de criatividade musical por parte de docentes em contexto de Música das “Atividades de Enriquecimento Curricular” (AEC) no 1º Ciclo do EB. O estudo apresenta uma abordagem descritiva e reflexiva quanto às atividades desenvolvidas na disciplina de EM, não só no desenvolvimento da criatividade, mas também no desenvolvimento das diversas competências associadas à prática musical. A metodologia consistiu em entrevistas realizadas a docentes de Música das AEC. O estudo conclui que os professores não praticam tantas atividades de desenvolvimento da criatividade musical quanto as que gostariam.

Por último, é realizada uma reflexão sobre todo o percurso e sobre as mudanças identificadas nas práticas educativas da mestranda.

Palavras-chave: Criatividade musical; Educação Musical; Ensino Básico; Professores de Música.

ABSTRACT

This report was prepared within the scope of the curricular unit Supervised Teaching Practice, of the Master's in Teaching Music Education in Basic Education at the Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. The report is developed in three chapters. In the first chapter, a reflective description of the observations made in the context of the 2nd cycle of Music Education in Basic Education is carried out.

The second chapter consists of the characterization of the school and the class with which the PES was carried out, as well as a reasoned reflection on the methodological options applied, the challenges that emerged and how they were overcome.

In the third chapter, the research project entitled “Conceptions of musical creativity: perceptions of AEC music teachers” is presented. It appears that “musical education” includes activities to enhance the subject's abilities. Regarding musical creativity activities, it is still not clear among the professional community what their benefits are and, therefore, they often do not have a prominent place in the discipline of Music Education. With this study we intend to understand what the conceptions of musical creativity by teachers in the context of Music of the “Activities of Curricular Enrichment” are in the 1st Cycle of EB. The study presents a descriptive and reflective approach to the activities developed in the discipline of MS, not only in the development of creativity, but also in the development of the various skills associated with musical practice. The methodology consisted of interviews with ACE Music teachers. The study concludes that teachers do not practice as many activities to develop musical creativity as they would like.

Finally, a reflection is carried out on the entire course and on the changes identified in the educational practices of the master's student.

Keywords: Musical creativity; Musical education; Basic education; Music Teachers.

LISTA DE SIGLAS

AEC – Atividades do Enriquecimento Curricular

EB – Ensino Básico

EM – Educação Musical

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNA – Plano Nacional das Artes

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
1. CAPÍTULO I - OBSERVAÇÃO DE PRÁTICAS MUSICAIS NO ENSINO BÁSICO	18
1.1. OBSERVAÇÃO NA ESCOLA BÁSICA DO 2º E 3º CICLO AUGUSTO GIL	18
1.2. OBSERVAÇÃO NA ESCOLA SECUNDÁRIA COM 2º E 3º CICLOS CLARA DE RESENDE	20
2. CAPÍTULO II - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADO NO 2º CICLO.....	22
2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	22
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA.....	23
2.3. OS DESAFIOS DA PES	24
3. CAPÍTULO III - PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	32
3.1. INTRODUÇÃO	32
3.2. REVISÃO DA LITERATURA.....	34
3.3. METODOLOGIA.....	38
3.4. PROCEDIMENTO	39
3.5. INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS.....	39
3.6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
3.7. CONCLUSÕES DA INVESTIGAÇÃO.....	44
4. CONCLUSÃO	46
5. BIBLIOGRAFIA.....	49
6. ANEXOS.....	53
ANEXO I – OBSERVAÇÃO DAS AULAS.....	54
ANEXO II – PLANIFICAÇÃO DE AULAS.....	55
ANEXO III – CONCERTO DE FIM DE ANO	56
ANEXO IV - CONSENTIMENTO DIRIGIDO AOS DOCENTES.....	57
ANEXO V - GUIÃO DE ENTREVISTA.....	58
ANEXO VI - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE A.....	59
ANEXO VII - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE B	68

ANEXO VIII - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE C.....	78
ANEXO IX - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE D	88
ANEXO X - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE E	99
ANEXO XI - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE F	112

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. O relatório representa o culminar de dois anos de estudo na área de educação musical, bem como a preparação para a profissionalização da disciplina. Ao longo dos três capítulos é exposta a minha experiência na PES, bem como o trabalho de investigação desenvolvido ao longo deste ano letivo.

O primeiro capítulo do relatório da PES apresenta uma descrição reflexiva das observações realizadas em contexto do 2º ciclo de EM no EB. Para Reis (2011)

A observação desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, constituindo uma fonte de inspiração e motivação e um forte catalisador de mudança na escola” (Reis, 2011, p. 13).

As observações nestes contextos educativos, enquanto observadora atenta à aula, tiveram objetivos concentrados na dinâmica da aula, a prática do professor, o comportamento de uma turma, bem como as condições e o espaço físico. A observação evidenciada tem uma função descritiva, isto é, o foco de observação cingiu-se na descrição das aulas de Educação Musical (EM) às quais tive a oportunidade de assistir (Luke & André, 1986). Por isto, as observações realizadas classificam-se enquanto naturalista, pois ocorreram no seu contexto natural, sem qualquer interferência do observador. Para tal, enquanto observador não participante, permaneci distanciada da dinâmica da aula. Os autores Luke & André (1986) elucidam que o observador não participante não interage com o grupo observado.

Os autores Boal-Palheiros & Bóia (2020) sustentam que o processo de ensino da música aporta competências cognitivas, psicomotoras, afetivas e sociais (Boal-Palheiros & Bóia, 2020). Assim, percebemos que a música não representa apenas mais uma aprendizagem para assimilar, mas sim uma qualidade humana para desenvolver, exercitar e vivenciar. É fulcral não encarar a música como subsidiária de outras aprendizagens, pois esta disciplina deve ser entendida enquanto uma prática artística com todos os objetivos que isto aporta. Mota (2007) apoia este raciocínio quando

apresenta que o objetivo principal da música é sempre educar musicalmente (Mota, 2007).

Todas as aulas observadas foram limitadas pelas regras de higiene e saúde definidas pela DGS face ao surto do COVID-19 como pandemia, pela Organização Mundial de Saúde.

No capítulo II, como forma de reflexão, apresento a percepção da própria performance durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES).

A criatividade musical não é um conceito coeso entre a comunidade docente de educação musical (Hargreaves, 2011). Neste sentido, a investigação exposta no Capítulo III deste relatório pretende explorar e refletir sobre as concepções de criatividade musical desenvolvidas por docentes no contexto das AEC no 1º Ciclo do Ensino Básico. A principal motivação que sustenta a escolha do tema do presente projeto, reside na inquietação que surge no seio da educação musical quando se aborda a implementação de atividades musicais que estimulam a criatividade musical dos alunos. Acresce a esta razão, a minha experiência em lecionar a disciplina de Educação Musical em contexto de AEC do 1º ciclo do Ensino Básico que me tem vindo a colocar uma série de perguntas sobre a natureza da criatividade e dos processos criativos e a forma como estes contribuem para o desenvolvimento das ações de ensino e aprendizagem no 1º ciclo.

O termo "professor inspirador" é uma expressão abrangente, que contém diferentes definições, tais como bom e professor eficaz, como um professor que exerce a profissão docente de maneira suficiente, qualificada e bem-sucedida de diferentes maneiras. Além disso, abrange ainda ser também um professor que apoia e inspira os alunos e um professor contemporâneo. Para Ustunoglu (1986) é considerado um professor inspirador aquele que se caracteriza pela sua qualificação e eficácia no processo de ensino. Acredita também que algumas dessas qualidades são adquiridas através de experiências e esforços pessoais ao longo da vida profissional do professor (citado em Turhan, 2019). De acordo com Turhan, as características do professor inspirador dividem-se em cinco categorias inter-relacionadas, que são a comunicação do professor, as habilidades do docente, a sua capacidade de gerir uma aula, o seu desenvolvimento

profissional e apoio aos alunos de diferentes maneiras (Turhan, 2019). Em breve, o professor contemporâneo procurará aplicar metodologias de ensino que tenham por base a aplicação de conhecimento científico. Preocupar-se-á também em despertar nos alunos o pensamento crítico e justo relativamente ao conteúdo e problemáticas abordadas em sala de aula (Turhan, 2019). Neste sentido, a reflexão constante quanto à prática profissional é fundamental, não só durante estes dois anos no Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, mas também na prática profissional futura.

1. CAPÍTULO I - OBSERVAÇÃO DE PRÁTICAS MUSICAIS NO ENSINO BÁSICO

Este capítulo apresenta a descrição, bem como a reflexão, das práticas de lecionação da disciplina de Educação Musical. Na Escola Básica do 2º e 3º ciclo Augusto Gil foram observadas as aulas de Educação Musical de três professoras estagiárias, aulas lecionadas pelo professor cooperante em turmas do 2º ciclo e o clube de música Também foram observadas aulas de Educação Musical decorridas na Escola Secundária com 2º e 3º ciclos Clara de Resende lecionadas pela professora cooperante.

1.1. OBSERVAÇÃO NA ESCOLA BÁSICA DO 2º E 3º CICLO AUGUSTO GIL

Nesta escola foram observadas aulas lecionadas pelo professor cooperante, Carlos Graciano. As aulas da disciplina de Educação Musical seguiram as orientações curriculares prescritas pelas Aprendizagens Essenciais (2018) para a disciplina, bem como as sugestões de atividade do manual a que os alunos têm acesso, o manual Música Seis (Godinho, 2017). Os exercícios práticos dos conteúdos abordados passaram pela prática vocal, prática instrumental e exercícios de desenvolvimento auditivo. Para cada conceito de elemento musical aprendido, procurou-se contextualizar com vídeos diversos, bem como proporcionar a interpretação em turma de uma canção ou excerto de uma obra que tenha implícita a temática da aula.

No que concerne à prática instrumental, o professor praticou previamente as melodias através da entoação vocal com recurso à solmização, técnica criada por Guido D'Arezzo e aplicada no método Kodály (Kodaly, 2012). O professor refere que este método é vantajoso, pois o aluno é capaz de entoar e memorizar com mais eficácia a melodia. Refiro também, que o professor acompanhava harmonicamente todos os exercícios, o que se revelou uma estratégia importante para a musicalidade da atividade e motivação dos alunos.

Nas aulas que eu observei, verifiquei que o professor recorreu ao máximo de variedade possível de estilos musicais, não só para dar a conhecer um pouco da diversidade cultural, como também incentivar à compreensão, exploração, à formação de público e ao sentido crítico dos alunos na abordagem. Esta diversidade de exemplos musicais enquadrados na temática eram também uma estratégia de motivação. Toda a aula tinha uma sequência em prol de um produto final. Por tudo isto, nas aulas observadas a maioria dos alunos apresentou motivação e entusiasmo na participação. A observação das aulas lecionadas pelo professor cooperante tornaram-se um modelo para a minha prática de ensino.

A observação das aulas lecionadas pelas professoras estagiárias revelaram-se essenciais para a constante reflexão individual e em grupo. Por vezes, eram encontradas algumas dificuldades, que através da discussão e das propostas apresentadas em seminários, estas dificuldades tornavam-se exemplos para todas as estagiárias. Desta forma, todas podemos aprender e evoluir em conjunto. Conforme Zabala (1998), os educandos aprendem de formas diferentes, e, portanto, o professor precisa ser capaz de entender e atender essa diversidade existente na sala de aula. Pensando nisso, o autor afirma que não basta o contato com os conteúdos para que a aprendizagem ocorra, é necessário que o educando relacione os seus conhecimentos prévios com os novos e que utilize seus esquemas de conhecimento para analisá-los e apreendê-los. Dessa forma ocorre a aprendizagem significativa (Silva & Felicetti, 2014).

Para além do programa do Ministério de Educação para a disciplina de Educação Musical, na EB 2,3 Augusto Gil são desenvolvidos outros projetos musicais. Tais como, o Clube de Canto, Workshops, aulas abertas, entre outros. Estes clubes almejam desenvolver atividades musicais extracurriculares. No placard da sala de música estão afixados alguns cartazes relativos a projetos realizados em contexto extracurricular, tais como o Concerto de Natal, o Concerto de Primavera, a aula-aberta do 25 de abril, a aula-aberta do músico Guilherme Órfão, o concerto de cordofones madeirenses, o Concerto de fim de ano, entre outros.

1.2. OBSERVAÇÃO NA ESCOLA SECUNDÁRIA COM 2º E 3º CICLOS CLARA DE RESENDE

A aula observada de lecionação da disciplina de Educação Musical ocorreu na Escola Secundária com 2º e 3º Ciclos Clara de Resende, edifício moderno situado na Rua O Primeiro de janeiro. A aula de Educação Musical observada ocorreu na sala de música, uma sala específica e preparada para decorrer todas as aulas de música da EB. Por isto, a sala é acusticamente preparada tanto na sua estrutura quanto nos materiais.

A sala é composta por um quadro pautado e um quadro liso, três armários que guardam os manuais, cadernos, instrumentos musicais, entre outros materiais pertinentes para o desenvolvimento das aulas. Quanto à organização da sala, esta cumpre as normas convencionais, ou seja, as mesas e as cadeiras dispostas em fileiras e a secretária do professor posiciona-se num lugar de destaque, à frente dos alunos. Quanto ao equipamento, a sala tem um computador conectado à internet e equipado com o projetor e as colunas. No que concerne aos instrumentos musicais que a sala dispõe, há um piano digital, uma guitarra clássica e diversos instrumentos Orff de altura definida e não definida guardados nos armários da sala. O manual adotado pela escola para a disciplina de Educação Musical do 6º ano intitula-se “100% Música” (Neves, Amaral, & Domingues, 2022).

Os exercícios práticos dos conteúdos abordados passaram pela prática vocal, prática instrumental e exercícios de desenvolvimento auditivo. Para cada conceito de elemento musical aprendido, procurou-se contextualizar com vídeos diversos, bem como proporcionar a interpretação em turma de uma canção ou excerto de uma obra que tenha implícita a temática da aula.

No que concerne à prática instrumental, o professor praticou previamente as melodias através da entoação vocal com recurso à solmização, técnica criada por Guido D’Arezzo e aplicada no método Kodály (Kodaly, 2012). O professor refere que este método é vantajoso, pois o aluno é capaz de entoar e memorizar com mais eficácia a melodia. Refiro também, que o professor acompanhava harmonicamente todos os exercícios, o que

se revelou uma estratégia importante para a musicalidade da atividade e motivação dos alunos.

Nas aulas que eu observei, verifiquei que o professor recorreu ao máximo de variedade possível de estilos musicais, não só para dar a conhecer um pouco da diversidade cultural, como também incentivar à compreensão, exploração, à formação de público e ao sentido crítico dos alunos na abordagem. Esta diversidade de exemplos musicais enquadrados na temática eram também uma estratégia de motivação. Toda a aula tinha uma sequência em prol de um produto final. Por tudo isto, nas aulas observadas a maioria dos alunos apresentou motivação e entusiasmo na participação. A observação das aulas lecionadas pelo professor cooperante tornaram-se um modelo para a minha prática de ensino.

A observação das aulas lecionadas pelas professoras estagiárias revelaram-se essenciais para a constante reflexão individual e em grupo. Por vezes, eram encontradas algumas dificuldades, que através da discussão e das propostas apresentadas em seminários, estas dificuldades tornavam-se exemplos para todas as estagiárias. Desta forma, todas podemos aprender e evoluir em conjunto. Conforme Zabala (1998), os educandos aprendem de formas diferentes, e, portanto, o professor precisa ser capaz de entender e atender essa diversidade existente na sala de aula. Pensando nisso, o autor afirma que não basta o contato com os conteúdos para que a aprendizagem ocorra, é necessário que o educando relacione os seus conhecimentos prévios com os novos e que utilize seus esquemas de conhecimento para analisá-los e apreendê-los. Dessa forma ocorre a aprendizagem significativa (Silva & Felicetti, 2014).

2. CAPÍTULO II - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADO NO 2º CICLO

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A EB 2,3 Augusto Gil pertence ao Agrupamento de Escolas Aurélio de Sousa, um agrupamento pertencente à cidade do Porto. A entrada principal da escola está voltada para a Rua da Alegria. Noutra época, este edifício de quatro pisos e espaços exteriores para recreio, pertencia a dois estabelecimentos de ensino privado, o Colégio João de Deus e o Colégio de Nossa Senhora da Estrela (Sousa A. d., s.d.).

Refiro que a escola tem um hino intitulado “A Cantar Augusto Gil”. Este hino foi composto pelo professor Carlos Graciano e a letra do professor Fernando Santos (Sousa A. d., 2021).

As aulas de Educação Musical lecionadas em contexto de Estágio na EB 2,3 Augusto Gil ocorrem numa das duas salas de música, salas preparadas para todas as aulas de música do 2º e 3º ciclo da escola. A sala 13 é composta por um quadro pautado e um quadro liso, dois armários que guardam os instrumentos, uma porta e quatro janelas. Quanto à organização da sala, esta cumpre com as normas convencionais, ou seja, as mesas e as cadeiras estão dispostas em fileiras e a secretária do professor posiciona-se num lugar de destaque, à frente dos alunos. Através da observação das aulas, considero que esta disposição não é tão vantajosa para o desenvolvimento das aulas de EM, isto porque esta disposição propicia à não participação de alguns alunos. A parede da sala expõe desenhos afixados de instrumentos musicais, bem como alguns instrumentos tradicionais portugueses, tais como adufes, castanholas, brinquinho, entre outros. No que concerne aos instrumentos musicais, a sala tem um teclado digital, uma guitarra acústica exposta, alguns instrumentos Orff de altura indefinida guardados no armário da sala, instrumentos de percussão tradicionais portugueses expostos, cinco cavaquinhos e cinco guitarras clássicas guardadas no armário da sala. O inventário da sala treze compõe 17

mesas, 32 cadeiras, dois armários, um placard, um computador, uma impressora, um quadro branco, uma aparelhagem, duas colunas de som e um projetor.

Por motivos afetos ao vírus Covid-19, a maioria das atividades de prática instrumental ocorrem no museu da escola, uma sala com maior área e onde estão a maioria dos instrumentos musicais da escola. O museu é uma sala espaçosa, com sete janelas, mesas, cadeiras, aquecedores, a bandeira do Agrupamento Aurélia de Sousa, a bandeira da cidade do Porto e a bandeira de Portugal, três vitrines com exposição de peças de arte elaboradas em contexto escolar, bem como prémios e medalhas e diplomas. No que concerne aos instrumentos musicais, a sala dispõe de diversos instrumentos de percussão, de teclas e de cordas, passando a ganhar a denominação de sala dos instrumentos. Quanto ao instrumental Orff de altura definida, esta sala dispõe de quatro jogos de sinos, quatro xilofones soprano, cinco xilofones contralto, quatro metalofones contralto, três metalofones baixo e dois xilofones baixo. Quanto aos instrumentos de percussão de altura indefinida, a sala dispõe de bombos, bongós, caixas, caixas chinesas, castanholas, clavas, maracas, pratos, pandeiretas, reco-recos, tamborins, triângulos, entre outros. O instrumento de tecla é o piano acústico e os instrumentos de cordas são a guitarra clássica e o baixo acústico. Para além dos instrumentos de som, a sala está equipada com aparelhagem de amplificação de som, tais como dois microfones e duas colunas de som.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Em contexto de estágio tive a oportunidade de lecionar a disciplina de Educação Musical e acompanhar a turma do 6ºD. Inicialmente, a turma era composta por 24 alunos, no entanto, com a chegada de novos alunos durante o ano letivo, o número de alunos aumentou para 26. Uma das características da turma é a diversidade cultural, porque há alunos de diversas nacionalidades, tais como portuguesa, brasileira, marroquina, colombiana, espanhola, timorense, entre outras. Quanto ao perfil académico, a turma caracteriza-se por ser mediana, acrescento também que nenhum aluno apresenta necessidades educativas especiais.

A turma gosta de desafios e de aprender o que potenciava o resultado do produto final das atividades desenvolvidas durante as aulas de Educação Musical. Este gosto sobressaía no paradigma rítmico. O comportamento da turma não é sempre o mais adequado para o desenvolvimento da aula, e por vezes, a postura incorreta adotada pelos alunos impedia a fluidez do ritmo da aula. Contudo, os alunos não mostram desinteresse pelos conteúdos abordados.

Quanto à formação musical da turma, alguns alunos frequentam diversos grupos musicais extraescolares, tais como ranchos folclóricos, ensemble de guitarra, grupo de percussão, grupo coral, entre outros. Alguns alunos também frequentam os clubes da escola, o clube de canto e/ou clube de percussão. No que concerne ao perfil musical dos alunos, atendendo à diversidade da herança cultural da turma, às atividades musicais que os alunos frequentam e a outros fatores, as preferências musicais da turma abrangem diferentes interesses culturais. No entanto, existe convergência quanto à apreciação, por parte dos alunos, da música dos géneros musicais Pop, Funk e Rock.

2.3. OS DESAFIOS DA PES

O início à Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi marcado pelo primeiro contacto com as aprendizagens essenciais da Educação Musical, com as orientações curriculares prescritas pelo Ministério da Educação (2001) para a disciplina, com os objetivos e conteúdos programáticos, bem como com a dinâmica da aula de Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico (Educação, 2001). Para iniciar a prática de lecionação foi fulcral a oportunidade de observar aulas, não só lecionadas pelo professor cooperante Carlos Graciano, mas também noutras escolas, onde tive a oportunidade de estabelecer contacto com outros professores de Educação Musical e diferentes opções metodológicas para a abordagem dos conteúdos.

Após a fase de observação, deu-se início à Prática de Ensino Supervisionada objetivando o desenvolvimento dos alunos quanto ao prazer da audição, da prática, leitura e escrita musical, competências de criatividade, memorização, coordenação motora, concentração, bem como a promoção do bem-estar entre a comunidade escolar

envolvida (Boal-Palheiros & Bóia, Desafios em Educação Musical, 2020). As atividades de criação musical almejavam que os alunos compreendessem, experimentassem e aprendessem a expressar sentimentos e conteúdos abordados através da linguagem sonora. As atividades desenvolvidas em sala de aula tiveram sempre em vista a prática e consolidação do(s) conteúdo(s) abordado(s) em aula. Estas atividades consistiam em interpretação vocal, interpretação instrumental, interpretação expressiva, improvisação e/ou criação musical. As estratégias adotadas para a intervenção pedagógica foram apoiadas pelas abordagens musicais dos pedagogos Z. Kodály (1882-1967), C. Orff (1895-1982) e de J. Wuytack (1935-).

No princípio da lecionação da disciplina de Educação Musical foi delineado um Plano de aulas de médio/longo prazo. Contudo, durante a prática este plano foi ajustado e reajustado, considerando as novas ideias de encadeamento de aulas, o perfil da turma, as sugestões dos alunos, entre outros fatores.

No que concerne às planificações de aula desenvolvidas, estas foram construídas considerando o conteúdo da aula, como abordá-lo e como praticá-lo. Schon (1992) explica-nos que, o professor planifica a aula adaptando os seus conhecimentos à realidade e especificidade do contexto de ensino-aprendizagem (Schon, 1992). No princípio da PES cometia alguns erros na elaboração da planificação, ao nível da adaptação das competências essenciais às atividades propostas, ao tempo dedicado a cada atividade, à adaptação dos exercícios ao perfil da turma, entre outros. Estas falhas na construção das planificações originavam insegurança, nervosismo, ansiedade e alguma fragilidade na lecionação da aula. Contudo, a elaboração da planificação de aula foi sendo melhorada à medida que fui ganhando experiência, aula após aula. Bem como, com o conhecimento do perfil da turma 6^ºD, quais são aqueles alunos que se afastam ao máximo da participação ativa e aqueles que aderem com motivação às atividades da aula. A planificação de aula tornou-se relevante para o encadeamento da aula, a gestão dos métodos aplicados, para a dinâmica da aula, para a gestão de tempo, para a criação do vínculo de confiança entre o aluno e professor.

No que concerne à interpretação de canções e/ou excertos de obras, foram trabalhadas canções do género musical Pop, Erudito, Rock, Jazz, música tradicional, entre

outros. Para além de proporcionar a prática e a aprendizagem de vários géneros musicais, também se procurou variar o repertório quanto ao período temporal, ao país de origem e a toda a cultura subjacente. Procurando adaptar as canções ao perfil musical da turma, foram feitos arranjos da própria autoria. Tal como afirma a investigadora P. Campbell, *As children learn music, they are conscious of how they learn it. They learn music within school settings, in formal lessons paid for by their parents, and informal observations and trial-and-error practice sessions alone and with family or friends. Some children pride themselves on their independent discovery and development of musical skills (pág.11, 2010)*. Por isso, as atividades desenvolvidas na disciplina de Educação Musical tiveram sempre em vista o desenvolvimento da apreciação de vários estilos e géneros musicais, por parte dos estudantes, bem como a fomentação de uma atitude crítica em relação à música que permita uma avaliação da mesma que considere uma multiplicidade de critérios (Duarte & Reis, 2018). Desta forma, a aula de Educação Musical permitiu que os alunos conhecessem e experimentassem diversos estilos musicais.

O seguinte cronograma apresenta as atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo 2021/2022 na disciplina de EM com a turma 6ºD:

Aula	Data	Sumário	Domínio
1 e 2	29-10-2021	Ritmo: monorritmia e polirritmia. Visionamento e audição comentada de alguns exemplos. Revisão das figuras rítmicas e respetivas pausas. Montagem da canção "Old Town Road" e "The Lazy Song" de Bruno Mars.	Interpretação Audição
3 e 4	5-11-2021	Revisão da aula anterior: audição e visionamento de exemplo de polirritmia e monorritmia; A densidade sonora; Montagem do tema da obra "Pomp & Circumstance" de E. Elgar (1857-1934), arranjo da maestranda Cláudia Carneiro.	Interpretação Audição
5 e 6	12-11-2021	Revisão da aula anterior: audição e visionamento de exemplo de polirritmia e monorritmia; A densidade sonora; Montagem do tema da obra "Pomp & Circumstance" de E. Elgar (1857-1934), arranjo da maestranda Cláudia Carneiro.	Interpretação Audição
7 e 8	19-11-2021	Montagem do tema da obra "Pomp & Circumstance" de E. Elgar (1857-1934), arranjo da maestranda Cláudia Carneiro. Criação da letra de Natal sobre o tema da Marcha nº1 "Pompa e Circunstância" de E. Elgar (1857-1934).	Interpretação Audição Composição
9 e 10	26-11-2021	Montagem da canção de Natal sobre o tema da Marcha nº1 "Pompa e Circunstância" de E. Elgar (1857-1934).	Interpretação Audição
11 e 12	3-12-2021	Montagem da canção de Natal sobre o tema da Marcha nº1 "Pompa e Circunstância" de E. Elgar (1857-1934), com letra e instrumental Orff.	Interpretação Audição

13 e 14	17-12-2021	Montagem da canção de Natal sobre o tema da Marcha nº1 "Pompa e Circunstância" de E. Elgar (1857-1934), com letra e instrumental Orff. Apresentação da canção "Natal do 6ºD" (interturmas).	Interpretação Audição
Interrupção letiva			
15 e 16	14-01-22	Jogo de percepção auditiva; Consolidação: Altura - Intervalos e acordes; Interpretação instrumental e vocal do tema da 9ª sinfonia, "Hino da alegria" de L. v. Beethoven	Interpretação Audição
17 e 18	21-01-22	Jogo de percepção auditiva; Consolidação: Altura - Intervalos e acordes; Interpretação instrumental e vocal do tema da 9ª sinfonia, "Hino da alegria" de L. v. Beethoven.	Interpretação Audição
19 e 20	28-01-22	A síncopa; Interpretação instrumental e vocal "So Fa Jazz".	Interpretação Audição
21 e 22	4-02-2022	Fusão de timbres; Composição de uma partitura gráfica, através de símbolos musicais não convencionais em instrumentos de materiais recicláveis.	Interpretação Audição Composição
23 e 24	11-02-2022	Grupos de figuras numa pulsação; Cultura tradicional portuguesa: O fandango ribatejano; Interpretação do 3º andamento da Suite Alentejana de Luís Freitas Branco (1890 – 1955).	Interpretação Audição
25 e 26	18-02-2022	Visualização da interpretação da composição em grupo "Tempestade"; Textura fina e textura densa; Música tradicional portuguesa: O cante alentejano; Interpretação da canção "Castelo de Beja".	Interpretação Audição
27 e 28	25-02-2022	Altura: Escalas maiores e menores; Interpretação vocal e instrumental da canção "Castelo de Beja".	Interpretação Audição
29 e 30	4-03-2022	Ritmo: Tempos de divisão binária e ternária; O adufe Beirão; Interpretação da canção tradicional "As armas do meu adufe".	Interpretação Audição
31 e 32	11-03-2022	Ritmo: Ritmos pontuados; Música tradicional portuguesa: O Fado; Interpretação da canção "O Bailarico Saloio".	Interpretação Audição
33 e 34	18-03-2022	Forma: Partes da música; Cultura tradicional ucraniana; Aprendizagem e interpretação da canção ucraniana "Obiimé" (Abraçar), da banda Okean Elzy.	Interpretação Audição
35 e 36	25-03-2022	Forma: Variações; A orquestra sinfónica; Aprendizagem e interpretação do tema da obra "Ah, vous dirais-je, Maman" de W.A. Mozart (1756-1791), arranjo da professora Cláudia Carneiro.	Interpretação Audição
37 e 38	8-04-2022	Timbre: alteração tímbrica e expressividade através da seleção tímbrica; Música contemporânea; Criação de um Musicograma inspirado em textos poéticos e pinturas.	Interpretação Audição Composição
Interrupção letiva			
39 e 40	22-04-2022	Visualização crítica da composição musical em grupo a partir da interpretação de uma obra artística.	Interpretação Audição

		Contextualização do dia da Liberdade, 25 de abril de 1974; O valor da Música. Aprendizagem e interpretação vocal e instrumental das canções “E depois do adeus” e “Grândola Vila Morena”.	
41 e 42	29-04-2022	Celebração do dia da Liberdade, 25 de abril de 1974; O valor da Música; Interpretação das canções “E depois do adeus” e “Grândola Vila Morena”.	Interpretação Audição
43 e 44	6-05-2022	O género musical jazz; Altura: Sib; Aprendizagem e interpretação instrumental do tema da canção “What a Wonderful World”.	Interpretação Audição
45 e 46	13-05-2022	O género musical jazz; Interpretação instrumental das peças “La Dance de la Haye” de T. Arbeau e “La Morisque” de T. Susato pelos professores de Educação Musical; Interpretação instrumental da canção “What a Wonderful World”.	Interpretação Audição
47 e 48	20-05-2022	Ensaio da canção ucraniana “Obimê” para o concerto “Juntos pela paz”; Interpretação vocal da canção tradicional “Castelo de Beja”; Ensaio do Hino da Escola “A Cantar Augusto Gil”; Interpretação instrumental da canção “What a Wonderful World”.	Interpretação Audição
49 e 50	27-05-2022	Ensaio das canções “Obimê”, “Castelo de Beja”, “Cantar Augusto Gil” e “What a WonderfulWorld” para o concerto final de ano.	Interpretação Audição
51 e 52	3-06-2022	Autoavaliação Ensaio geral para o concerto de fim de ano.	Interpretação
	7-06-2022	Concerto Fim de ano	Interpretação

Com o intuito de promover a cultura da música tradicional portuguesa, foram trabalhadas algumas canções tradicionais de diferentes regiões do país durante o 2º período letivo, tais como: o fandango alentejano, trabalhado com a interpretação do 3º andamento da Suite Alentejana do compositor português de música erudita Luís de Freitas Branco (1890-1955); O Cante alentejano com a interpretação vocal da canção tradicional “Castelo de Beja”, (APEM, 2015-2022); As adufeiras beiroas, por ocasião do Dia da Mulher, com a interpretação da canção tradicional “As armas do meu adufe”; E o fado lisboeta, com a interpretação da canção “Bailarico Saloio” (Mic, 2022). Ainda no paradigma português foram ouvidas, analisadas, interpretadas e apresentadas canções de intervenção, tais como “E depois do Adeus” de Paulo de Carvalho, “Grândola, Vila morena” de Zeca Afonso, entre outras.

Por ocasião da guerra a que estamos a assistir entre a Rússia e a Ucrânia, com o intuito de clarificar as razões do conflito e conhecer um pouco da cultura ucraniana, surgiu

a oportunidade da aprendizagem e interpretação da canção ucraniana “Obiiimê” (Abraçar) da banda de rock Okean Elzy.

Durante a Prática de Ensino Supervisionado foram trabalhadas obras de Música Contemporânea. Como por exemplo, a obra “Water Walk” (1959) de John Cage (1912-1992), compositor destacado da música experimental norte-americana, bem como a audição comentada da obra “Music for Eighteen Musicians” do compositor Steve Reich (1936-) interpretado pelo Ensemble intercontemporain.

No que concerne às atividades de criação musical, composição e experimentação, durante o ano letivo realizou-se a composição de uma partitura gráfica, através de símbolos musicais não convencionais em instrumentos de materiais recicláveis. Para a realização desta atividade foi apresentada uma partitura não-convencional, no entanto, deveria ter sido mais explorado com a turma os elementos da partitura. Também seria mais benéfico primeiramente explicar a atividade e só depois formar os grupos para o trabalho a desenvolver. Esta atividade de composição foi uma novidade para a turma. Como tal, o princípio da atividade originou comentários, curiosidade e inquietações. Com o desenvolvimento da mesma, os alunos foram percebendo melhor os objetivos e interessaram-se pelo resultado musical das suas criações. Também no paradigma da criação e composição musical, uma das atividades desenvolvidas na lecionação da disciplina, foi a criação, por parte dos alunos, de um Musicograma e de uma performance inspirada em obras poéticas ou pinturas. Tais como, o poema “Torre de Névoa” de Florbela Espanca (1894-1930); o quadro “Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte” de George Seurat (1859-1891); o poema “Sei um ninho” de Miguel Torga (1907 -1995); o quadro “Terraço do café à noite” de Vincent van Gogh (1853-1890); E, o poema “A canção dos tamanquinhos” de Cecília Meireles (1901- 1964). O musicograma, segundo Boal-Palheiro e Wuytack (2006), é utilizado numa audição fisicamente passiva, mas mentalmente ativa, posterior à audição em que os alunos identificam e executam os materiais musicais trabalhados (Boal-Palheiros & Wuytack, 2006). As atividades de criação musical almejam que os alunos compreendessem, experimentassem e aprendessem a expressar sentimentos e conteúdos abordados através da linguagem sonora.

Para além do projeto educativo estipulado pelo Ministério de Educação para a disciplina de Educação Musical, na EB 2,3 Augusto Gil foram desenvolvidos outros projetos musicais. Tais como, aulas abertas, concertos, entre outros. Durante este ano letivo, foi feita a apresentação de Natal, onde a turma apresentou a canção “Natal do 6ºD”, uma canção que proporcionou a criação da letra de Natal, por parte dos alunos, sobre o tema da Marcha nº1 “Pompa e Circunstância” de E. Elgar (1857-1934). Já no 3º Período letivo, por ocasião das celebrações do 25 de abril, foi feita uma aula-aberta com a interpretação pública das canções “E depois do adeus” e “Grândola”. Para finalizar o ano em bom, realizou-se Concerto de Fim de ano com a apresentação da interpretação das canções “Castelo de Beja” e “What a Wonderful World”. No final do mesmo concerto, em conjunto com a turma 6ºA, realizou-se a apresentação das canções “Obiimê” e o hino da escola “Cantar Augusto Gil”.

Para o apoio da aprendizagem e interpretação das canções, foi procurado recorrer a instrumentos harmónicos, tais como o piano, a diversos instrumentos de percussão de altura definida e indefinida e a utilização da trompete, o instrumento musical que me permite acompanhar o processo de ensino-aprendizagem com mais fluidez. No entanto, é importante melhorar o acompanhamento harmónico de cada atividade desenvolvida, não só para dar mais musicalidade, mas também como estratégia de motivação dos alunos.

Importante considerar que, os professores, segundo Perrenoud (1999), devem sentir-se responsáveis pela formação global do aluno. O ensino por competências propõe a educação integral do educando, ou seja, que haja interdisciplinaridade na transmissão de conhecimento. Mesmo que, ao trabalhar com competências, o educando mobilize conhecimentos que também são competências na prática docente de ordem disciplinar, o importante é que ele saiba transpor os conhecimentos de diferentes áreas utilizando-os como componentes da realidade (citado em Silva & Felicetti, 2014). O ensino é uma área que requer mudança e desenvolvimento contínuos, por isso, Guven (2016) reflete que para assegurar um sistema educacional de sucesso é necessário investir na qualidade da formação dos docentes. Ustunoglu (1986) acrescenta que é indispensável um programa de educação bem organizado para auxiliar os futuros professores a adquirir características académicas e pessoais (citado em Turhan, 2019). Nóvoa (2007) acrescenta

que o professor antes de exercer a profissão, foi aluno, e, implicitamente, traz na sua prática os traços dos modelos que teve enquanto aprendiz (citado em Turhan, 2019). Por isso, Nóvoa acredita que o professor considera preferencialmente a aplicabilidade das metodologias abordadas na sua fase de formação. Um professor que aprendeu através da escrita, pode priorizá-la na sua docência e não utilizar outras formas de ensinar capazes de melhor desenvolver a aprendizagem dos seus alunos (Silva & Felicetti, 2014). Por isso, a formação contínua e a reflexão da prática profissional são importantes tanto para a carreira do docente e a construção da sua identidade como para um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem (Silva & Felicetti, 2014). Naturalmente, ainda há muitos aspetos a melhorar, contudo é fundamental refletir continuamente pois, a oportunidade do ensino-aprendizagem da disciplina de Educação Musical exige a reformulação de ideias, formação contínua, atualização do ensino e uma procura incessante pela melhoria da atividade com o intuito de elevar os padrões de qualidade adjacentes à Educação Musical.

No que concerne ao balanço final da Prática do Ensino Supervisionado do 2º Ciclo do Ensino Básico, pode referir-se que os objetivos delineados pela professora estagiária foram alcançados. Ao longo das aulas, os alunos revelaram melhorias de comportamento, de motivação, de socialização e, por conseguinte, de aprendizagem. Em suma, os resultados obtidos indicam que o recurso a estratégias de ação pedagógica alicerçadas em abordagens pedagógico-musicais ativas resultou, nos alunos, efeitos profundamente benéficos.

3. CAPÍTULO III - PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

Através da prática de lecionação da disciplina de música em contexto de AEC, surge inquietação quanto ao desenvolvimento de atividades que fomentam a criatividade musical do aluno. Assim, surgiu a vontade de desenvolver uma investigação intitulada “Conceções de Criatividade musical: percepções de docentes de Música em contexto de AEC”. O estudo foi desenvolvido com a ambição de compreender as concepções de criatividade musical dos docentes entrevistados, e, num segundo plano, perceber o que se entende por aluno musicalmente criativo.

Para tal, foram realizadas entrevistas a seis docentes de música no 1º ciclo do EB, onde também se explorou as suas percepções de criatividade musical, bem como as atividades desenvolvidas durante a aula de música em prol da criatividade musical. E, as opiniões dos professores de música entrevistados quanto à adequação da sua formação académica para o desenvolvimento de atividades musicalmente criativas em sala de aula.

3.1. INTRODUÇÃO

A criatividade musical não é um conceito coeso entre a comunidade docente de educação musical (Hargreaves, 2011). Neste sentido, o presente trabalho pretende explorar e refletir sobre as concepções de criatividade musical desenvolvidas por docentes no contexto das “Atividades de Enriquecimento Curricular” (AEC) no 1º Ciclo do Ensino Básico.

A principal motivação que sustenta a escolha do tema do presente projeto, reside na inquietação que surge no seio da educação musical quando se aborda a implementação de atividades musicais que estimulam a criatividade musical dos alunos (Beghetto, Kaufman, & Baer, 2015). Acresce a esta razão, a minha experiência em lecionar a disciplina de Educação Musical em contexto de AEC do 1º ciclo do EB que me tem vindo a colocar uma série de perguntas sobre a natureza da criatividade, e dos processos criativos e a forma como estes contribuem para o desenvolvimento das ações de ensino e aprendizagem no 1º ciclo.

O presente capítulo divide-se em cinco partes, uma primeira, a introdução, onde é especificada a justificação para este estudo e a estrutura do documento que o apresenta.

A segunda, referente à revisão de literatura, aborda, em primeiro lugar, criatividade musical: em busca de uma definição, através de linhas de pensamento de autores provenientes de diversas disciplinas e situados em diferentes momentos da história, tais como Paynter (1970), Schafer (1991), Damásio (2000), Vygotsky (2009), Feist (2010), Veloso (2012), entre outros. Abordando também a imaginação na base da criatividade musical. Beineke (2001) sustenta que o ensino da música deve potenciar a capacidade criativa da criança, possibilitando a sua capacidade de fazer música por si mesma, atribuindo o seu próprio significado sentimental e expressivo (Beineke, 2001). Com o intuito de compreender a influência do contexto cultural no processo de criação musical, é acrescentado algum estudo desenvolvido pela investigadora Campbell (2010). E, finalmente, é apresentada uma contextualização curricular das atividades de criação musical em sala de aula, através de uma leitura crítica das orientações curriculares do Ministério da Educação para a disciplina de música no contexto das AEC do 1º ciclo do EB.

O projeto de investigação é desenvolvido no terceiro o ponto deste capítulo, denominado “Estudo”. Neste capítulo, são apresentadas as opções metodológicas, nomeadamente no que diz respeito às questões de investigação, os objetivos do estudo e ao instrumento de recolha de dados, a entrevista.

A quarta parte do capítulo desenvolve o “Método”, descreve e justifica o método, define o paradigma qualitativo, referindo Bell (2002), Moreira (2006), Ferreira (2014), Hartwig (2014), entre outros. Nesta parte do trabalho é, também, exposta a caracterização dos participantes, bem como o procedimento a que esteve afeto o desenvolvimento da investigação.

Na quinta parte do capítulo, é apresentada a discussão dos resultados obtidos. Ou seja, através da análise às seis entrevistas realizadas, são apresentadas as reflexões correspondentes a cada categoria articulada com fundamentação teórica. Finalmente, na sexta e última parte deste documento, é feita a conclusão do estudo realizado.

3.2. REVISÃO DA LITERATURA

3.2.1. Criatividade Musical: Em busca de uma definição

Através do artigo científico *Robust prediction of individual creative ability from brain functional connectivity*, entende-se que a criatividade é conhecida como o processo de articulação de ideias e informações ao nível mental e na sua aplicação na ação. Ou seja, a criatividade surge na articulação de memórias, ideias e pensamentos na sua aplicação em algo concreto, relacionado com a ação humana intencional (Beaty, 2018, p. 1090). Feist (2010), professor do departamento de psicologia da San Jose State University, explica que a ideia criativa deve ser criteriosa, deve ser questionada a utilidade das ideias e comportamentos segundo critérios intelectuais, artísticos e/ou estéticos (Feist, 2010). O autor J. Paynter (1970), citado em Veloso & Carvalho (2012), considera que a criação musical é um processo construtivo de novas realidades idealizadas a partir de linhas da imaginação e do pensamento. Através do contacto com a música, a criança cria perspectivas e desenvolve novas perceções e significados musicais, culturais e sociais (Veloso & Carvalho, 2012). Os autores Bahia e Gomes (2010) revelam que a educação artística favorece a criatividade da criança, estimulando o desenvolvimento pessoal e cognitivo desta. Também para o psicólogo russo Vygotsky (2009), a criação musical permite que a criança desenvolva autonomia e independência, o que influenciará, certamente, o seu desenvolvimento em todas as suas valências (Vygotsky, 2009).

"[...] Mas, em última análise, a imaginação, como base de toda a actividade criadora, manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, na medida em que se distingue do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, baseando-se na imaginação." (Vygotsky, 2009, p. 1)

Vygotsky defende que a imaginação é a base de toda a atividade de criação tanto no contexto artístico, como no científico ou no técnico. Ou seja, tudo o que nos rodeia e que é criação do Homem, é resultado da imaginação humana.

Veloso (2012), na dissertação *voar até ao Comboio dos Segredos: A construção de significados partilhados no desenvolvimento do Pensamento Musical em crianças Crianças do 1º Ciclo do EB*, desenvolve ideias apoiadas em Bennett Reimer (2000), - que integram

já os últimos desenvolvimentos da neurociência através, por exemplo do autor António Damásio -quanto ao impacto do desenvolvimento da imaginação criativa em todas as valências da criança. Ou seja, a imaginação criativa pode ser desenvolvida extensivamente, abarcando experiências individuais, coletivas e culturais, proporcionando o desenvolvimento de novos significados musicais e novos significados para a existência humana.

Murray Schafer (1991), citado em Beineke (2001), defende que o ensino da música deve procurar estimular o potencial criativo da criança, para que esta percorra o seu próprio caminho na conquista da sua independência e individualidade (Beineke, 2001). O pedagogo Carl Orff, citado por Palheiros (1993), apresenta a mesma linha de pensamento, acrescentando ainda que a criança demonstra a sua musicalidade na criação de uma melodia, acompanhamento, ou quando aplica e participa num diálogo musicalmente criativo entre grupo (Boal-Palheiros G. , 1993).

Quanto à aplicabilidade dos conhecimentos e habilidades no processo criativo, os autores Ronald A. Beghetto, James C. Kaufman e John Baer explicam-nos que,

Creativity isn't the same as finding the right answer, but it is very much about finding (or inventing) right (good, appropriate, successful, workable, desirable, suitable) answers—answers that work, that get the job done, that fit the constraints of the situations, that solve the problem. Producing many wild and unusual ideas may or may not be part of that process. But creativity isn't about ignoring the real world and coming up with ideas that are unworkable, and it often requires a great deal of knowledge and skill (Beghetto, Kaufman, & Baer, 2015, p. 14).

Nesta linha de pensamento, é fulcral perceber que todas as pessoas têm potencial criativo. A criatividade é uma característica humana que deve ser cultivada em sala de aula. Contudo, o pensamento criativo envolve trabalho académico. Ser criativo pode ser divertido, mas também requer acompanhamento, esforço, trabalho e domínio de conteúdo apropriado ao domínio.

3.2.2. A influência do contexto cultural no processo de criação musical

No artigo *For the love of children: music, education and culture* da musicóloga Campell (2010), são apresentadas várias reflexões sobre a confluência de questões relevantes para a educação musical e o contributo dos diversos contextos culturais para o desenvolvimento da musicalidade da crianças, e conseqüentemente, para o desenvolvimento da sua capacidade para a criação musical. Segundo a autora, cada profissional deve procurar, dentro das suas configurações individuais, formas de maximizar o envolvimento das crianças na música e através da música. A dedicação profissional do professor de educação musical procura pela valorização da música, da educação e da cultura em prol do bem-estar das crianças, facilitando as experiências musicais que aumentarão a compreensão, as habilidades e a cultura musical (Campbell, 2010).

Na perspectiva de Campbell, as crianças já têm uma noção dos seus possíveis interesses e necessidades musicais, como tal, é papel do educador estar atento e ir procurando dar continuidade ao percurso de cada criança na música, orientando ao progresso do pensamento, audição, desempenho e criação musicais das crianças. Para tal, é necessário refletir, não só em relação ao que é no presente, como também àquilo que era no passado, e, além disso àquilo que foi e constitui presentemente, o seu contexto familiar e cultural.

John Paynter (1970), sugere que a criatividade, enquanto atividade mental, recorre à utilização de materiais provenientes do contexto social e cultural (Velo, 2012). Segundo o comissário do Plano Nacional das Artes (PNA) (Lusa, 2021), considerando que a democracia cultural prevalece cada vez mais na sociedade, é fundamental valorizar as especificidades do contexto cultural dos alunos e possibilitar que estes acedam a diversas formas artísticas ao longo do seu percurso académico. Para o comissário do PNA, a democracia cultural implica o conhecimento e acessibilidade às obras do passado, não devendo opor-se às novas narrativas e atos criativos (Lusa, 2021). Desta forma, o aluno desenvolve a sua sensibilidade estética, o pensamento crítico, a imaginação, e conseqüentemente a sua capacidade de criação artística.

3.2.3. Contextualização curricular das atividades de criação musical em sala de aula

As orientações curriculares do Ministério de Educação estabelecidas para a disciplina de música em AEC no 1º Ciclo do Ensino Básico preveem o desenvolvimento de diversas competências gerais e específicas através do envolvimento do aluno em três atividades musicais fundamentais, são elas a audição, interpretação e composição (Educação, 2018). Para as atividades relativas à audição, é privilegiada a utilização de excertos musicais que enfatizem os conteúdos a trabalhar em sala de aula, bem como a gravação da performance dos alunos para a posterior análise pessoal. Desta forma, através da perceção auditiva, não só é objetivado o desenvolvimento do espírito crítico face ao seu desempenho e resultado musical, como também é incentivado o progresso do aluno na sua performance e interpretação (DGE, 2018). Quanto às atividades musicais interpretativas, estas regem-se por três dimensões fulcrais, são elas a estética, a afetiva e a social. A dimensão estética prima pela qualidade do produto musical a interpretar. A dimensão afetiva corresponde ao gosto pelo produto musical. Já a dimensão social diz respeito à promoção do produto musical para terceiros, a validação da interpretação pelo público (Educação, 2018).

É almejado que as aulas de música tenham uma abordagem criativa aos conteúdos e conceitos musicais, através do uso diversificado de materiais didáticos, da aplicação das novas tecnologias, bem como o desenvolvimento das atividades de forma individual e coletiva (Leite, 2003). Nas orientações curriculares do Ministério da Educação são expostas as competências essenciais a desenvolver pelas atividades criativas na aula de música. O aluno do 1º ciclo do EB deve estar capacitado de explorar, compor, improvisar e experienciar materiais sonoros e musicais (Educação, 2001, p. 171).

No que concerne às atividades musicais de criatividade, estas devem ser promovidas individualmente e/ou em grupo, utilizando os conteúdos aprendidos. Esta revela-se uma forma eficaz de aplicar e consolidar as aprendizagens (Educação, 2018). Através da criação musical, os alunos desenvolvem atitudes autónomas, o que promove o desenvolvimento da personalidade, musical e cognitivo (Boal-Palheiros G. , 1988).

Algumas crianças sentem orgulho da sua independência, descoberta e desenvolvimento de habilidades musicais. Também por isto, as crianças anseiam por envolvimento ativo em fazer música ao invés de ouvir os professores falarem sobre isso (Campbell, 2010). Tendo em conta que as atividades musicais desenvolvidas em sala de aula devem privilegiar a prática ao invés da teoria, enfatiza-se que as atividades de criação, improvisação e composição em sala de aula são importantes para o desenvolvimento do pensamento e da expressão musical do aluno (Beineke, 2001).

3.3. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresenta-se o enquadramento do presente estudo, uma abordagem metodológica qualitativa. Ou seja, o estudo integra-se no paradigma qualitativo da investigação em educação. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa permite ao investigador aceder ao ambiente natural dos dados, recolher de forma descritiva, e, enfatizar o processo de recolha de dados ao invés da valorização do resultado obtido (Biklen, 1994). Ou seja, o investigador que aplica o paradigma qualitativo no seu estudo, privilegia a compreensão do significado atribuído pelos participantes ao tema em questão (Hartwig, 2014). O autor Rodrigo (2008) considera que a aplicação do método qualitativo permite uma abordagem particular, atendendo às especificidades e características do meio envolvido (Rodrigo, 2008). A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos (Ferreira, 2014).

Desta forma, as opções metodológicas permitiram a exposição do problema, o instrumento de recolha de dados e as finalidades da investigação, considerando as questões éticas envolvidas.

3.3.1. Participantes

O estudo realizado teve, como participantes, seis docentes de Música em AEC no 1º Ciclo do Ensino Básico. Com o intuito de diversificar o contexto do qual provêm os entrevistados, as entrevistas realizadas foram dirigidas a professores licenciados, mestres e/ou doutorandos em Educação Musical, que diversificam na experiência académica,

formativa e no número de anos em que exercem a profissão. Face à maior acessibilidade no estabelecimento de contacto, todos os professores entrevistados encontram-se a lecionar na zona Norte do país.

3.4. PROCEDIMENTO

A abordagem metodológica assenta essencialmente no paradigma qualitativo, sendo que o instrumento de recolha de dados se constituiu pela entrevista, com a qual se pretendeu compreender em maior profundidade as perceções de seis docentes de Música no contexto de AEC do 1º ciclo do EB quanto à criatividade musical.

Face à declaração do surto do COVID-19 como pandemia pela Organização Mundial de Saúde, o projeto de investigação foi reestruturado e por isso desenvolvido considerando o isolamento social. Assim, as entrevistas foram afetadas pela condição de isolamento social, tendo sido realizadas presencialmente e por via *Zoom*.

3.5. INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

Considerando que, segundo Bell (2002), o investigador deve privilegiar as técnicas de recolha de dados que se adequam aos objetivos da investigação, este estudo recorre à entrevista (Bell, 2002). Para o desenvolvimento deste documento foi fulcral recorrer à entrevista, pois esta permitiu compreender com mais detalhe a perspetiva de seis docentes de música no contexto das AEC no 1º ciclo do EB, quanto à criatividade musical, o que é e como a fomentam em sala de aula.

3.5.1. Entrevista

Segundo Azevedo & Azevedo (1996), a entrevista é um método de recolha de informações do sujeito de investigação sobre a temática em estudo. As entrevistas realizadas classificam-se enquanto estruturada, pois esta permite ao entrevistador a condução das questões para os objetivos da sua investigação (Azevedo, 1996).

Primeiramente, as entrevistas procuraram contextualizar o entrevistado através do seu percurso académico e profissional. Seguidamente, com o intuito de conhecer o trabalho desenvolvido em sala de aula, foram questionadas, as atividades que os entrevistados têm vindo a desenvolver em sala de aula, ao longo destes últimos anos. Para perceber o perfil do professor entrevistado, foram questionadas as atividades em que estes se sentem mais confortáveis em lecionar, e a razão para tal. Noutra perspetiva da questão, procurou-se perceber, na perspetiva do docente entrevistado, quais parecem ser as atividades musicais que os alunos gostam mais, e o porquê. A questão seguinte almejou perceber se o docente entrevistado considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno. O porquê e de que forma. Desta forma, torna-se pertinente questionar se o entrevistado considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos nas suas aulas de Educação Musical. E se sim, em quais. Com o intuito de saber a opinião destes docentes face à sua preparação académica para o desenvolvimento de atividades em sala de aula que estimulam a criatividade musical dos alunos, a entrevista questionou se o entrevistado considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolvimento de atividades musicais criativas em sala de aula. Se não considera, o que é que, na sua opinião, faltou. No culminar das entrevistas, foi questionado o que é, para o entrevistado a criatividade musical e, como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.

3.6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas realizadas aos seis docentes de música em contexto das AEC no 1º ciclo do EB procuraram explorar vários aspetos relacionados com os docentes, a sua prática de lecionação da disciplina e as suas perceções quanto à criatividade musical. Desta forma, as respostas foram analisadas e organizadas por categorias. A análise detalhada realizada a cada entrevista encontra-se exposta nos anexos deste documento.

A primeira categoria desta análise procurou contextualizar os professores entrevistados, como tal cingiu-se ao percurso académico e profissional destes. Academicamente, os entrevistados são licenciados, mestres ou doutorandos em Educação Musical, e alguns também têm formação noutras áreas. Profissionalmente, todos os entrevistados lecionam a disciplina de música no contexto das AEC no 1º ciclo do EB. Alguns docentes iniciaram a sua atividade profissional ou até desempenham funções noutra área distinta, seja por razões económicas, pessoais, familiares e/ou sociais.

Seguidamente, a análise realizada procurou explorar a categoria relativa às atividades desenvolvidas em sala de aula. Esta revela que os entrevistados cuidam de desenvolver atividades que envolvam ativamente o aluno, e que, estas devem proporcionar a descoberta do corpo e da mente da criança, aumentando a consciência de si e do grupo. Um dos docentes expressa que, em sala de aula, desenvolve atividades musicais que enfatizem três domínios: o lúdico, o formativo e o cultural. Neste sentido, a audição na aula de música é desenvolvida enquanto escuta ativa; a interpretação, através da prática vocal, prática instrumental, e, da prática expressiva; a composição, através da exploração sonora em grupo e/ou individual; e a improvisação, enquanto atividade de aplicabilidade dos conteúdos aprendidos. Nesta categoria, os resultados obtidos mostram que as práticas letivas desenvolvidas por estes seis docentes da disciplina estão em conformidade com as orientações curriculares do Ministério de Educação estabelecidas para a disciplina de música no contexto das AEC no 1º Ciclo do EB. Pois estas preveem o desenvolvimento de diversas competências gerais e específicas através do envolvimento do aluno em atividades auditivas, interpretativas e atividades de composição (Ministério da Educação, 2018).

A terceira categoria analisada é referente às atividades em que o professor entrevistado se sente mais confortável em lecionar. Os docentes com mais experiência

confessam que se sentem confortáveis em lecionar todo o tipo de atividades, ressalvando que cada uma delas revela um novo aspecto a ser melhorado. No entanto, salienta-se que, todos os professores referiram que privilegiam a prática instrumental, isto porque, sentem que esta atividade promove uma boa dinâmica para o desenvolvimento da aula de música. Um dos professores referiu também, que se sente mais confiante com a prática vocal por influência da sua formação. Apenas um docente referiu que se sente confortável com atividades de composição em sala de aula. Este resultado demonstra que as atividades performativas são enfatizadas pelos professores de música entrevistados.

A categoria referente às atividades em que alunos aderem e gostam mais revela que, na opinião dos docentes, os alunos preferem as atividades práticas ao invés da teoria, isto porque, a prática interpretativa permite a participação dos alunos de forma ativa, e, porque são atividades diferentes daquelas que são realizadas, habitualmente, em sala de aula. Pela mesma razão, um docente refere também, que os alunos gostam de atividades desenvolvidas fora da sala de aula e apresentações ao público. Um dos professores explica que, os alunos enfatizam a prática vocal e expressiva no início da infância, mas que a partir do 2º ano já preferem a prática instrumental. Foi também referido que os alunos gostam bastante de atividades criativas, tais como a construção de novos instrumentos de percussão, a composição, mimar as canções com gestos e o uso das novas tecnologias em sala de aula. O resultado obtido pela análise das entrevistas mostra que estas estão em concordância com os estudos realizados pelos teóricos Beineke (2001) e Campbell (2010), que apresentam que, nas aulas de música devem ser privilegiadas as atividades práticas ao invés da teoria, permitindo o envolvimento ativo da criança (Beineke, 2001) e (Campbell, 2010).

A categoria que explora as concepções dos docentes entrevistados quanto à importância da criatividade musical dos alunos para o seu desenvolvimento musical, pessoal e social, revela que os professores estão em concordância. Os entrevistados revelam que as atividades musicais estimulam a autoestima, a confiança e a postura em relação à escola. Especificam que, através do canto a criança desenvolve a atenção, a memória, a coordenação, a comunicação, e também laços de amizade com os colegas e professores. Referem ainda que, a prática musical e artística tira os alunos das suas zonas

de conforto. Neste sentido, a atividade musical influencia a capacidade criativa do aluno, ou seja, as atividades desenvolvidas em música ajudam na construção de vínculos, relacionais positivos, fomenta o desenvolvimento do corpo, da mente, das emoções e também desperta o potencial criativo da criança. A fase evolutiva dos alunos precisa de ser estimulada, precisa de criatividade. As atividades de criação musical permitem que o aluno desenvolva confiança e segurança no seu trabalho desenvolvido. Através da prática letiva, estes professores, em concordância com Bahia e Gomes (2010) e Vygotsky (2009), revelam que a criatividade musical contribui para o desenvolvimento da musicalidade dos alunos, no desenvolvimento corpóreo musical, pessoal e social (Gomes, 2010) e (Vygotsky, 2009).

Quanto à categoria referente ao hábito da inclusão de atividades em sala de aula que estimulam a criatividade musical dos alunos, todos os professores entrevistados consideram que sim. Referem ainda que, procuram ser criativos no processo ensino-aprendizagem. Para estimular a criatividade musical dos alunos, os docentes referiram que lhes proporcionam novas aprendizagens musicais, desenvolvem exercícios rítmicos, melodias sobre ostinatos, práticas instrumentais, criação instrumental, atividades com recursos digitais, exercícios de improvisação e composição.

A seguinte categoria procurou perceber a concepção dos docentes entrevistados quanto à sua formação acadêmica, se esta foi adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais e criativas em sala de aula. Alguns dos professores consideram que tanto a licenciatura como o mestrado foram adequados. No entanto, realizam frequentemente formações complementares, e também procuram saber mais quanto à prática profissional através da leitura, pesquisa e partilha entre colegas. Outros docentes consideram que a formação de professores não está adaptada para aulas práticas. Por isso, esta não foi adequada para o desenvolvimento de atividades musicais criativas, como também o uso das novas tecnologias em sala de aula. Como tal, estes docentes procuram realizar formações fora do contexto académico para combater esta carência presente na sua formação académica.

Quanto à categoria referente às concepções dos entrevistados face à criatividade musical, esta revelou conformidade. Isto é, para estes professores, a criatividade musical

é a utilização de forma habilidosa das competências musicais que vai adquirindo ao longo dos tempos, ou seja, a criatividade musical é quando, a partir das aprendizagens de sala de aula, os alunos criam as suas próprias composições. Criatividade musical é um processo de criação a partir de diversas ideias e materiais musicais. Acrescentam ainda que, a criatividade musical é a capacidade de resposta imediata ao estímulo musical.

A categoria que procurou perceber as conceções dos docentes entrevistados de como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo, revelou algumas divergências. Para alguns professores de educação musical, o aluno musicalmente criativo tem a perceção da aplicação criativa das aprendizagens, aquele que ouve uma canção e é capaz de criar a partir dela, aquele que é capaz de compor a partir das aprendizagens de sala de aula. No entanto, para outros professores, o aluno musicalmente criativo mostra curiosidade sobre um certo assunto e experimenta sem pensar, é aquele que exprime os seus sentimentos nas diversas expressões artísticas. Um aluno, que por vontade própria, manifesta-se espontaneamente a estímulos musicais. O pedagogo Carl Orff, citado por Palheiros (1993), apresenta a mesma linha de pensamento, acrescentando ainda que a criança demonstra a sua musicalidade na criação de uma melodia, acompanhamento, ou quando aplica e participa num diálogo musicalmente criativo entre grupo (Boal-Palheiros G., 1993).

3.7. CONCLUSÕES DA INVESTIGAÇÃO

O propósito desta investigação é perceber quais são as concepções da criatividade musical de docentes com experiência em lecionar música em contexto de AEC no 1º ciclo do EB. Com este estudo, é concluído que existe concordância quanto aos benefícios da inclusão de atividades musicalmente criativas em sala de aula entre os professores entrevistados e a fundamentação teórica reunida. Os benefícios da estimulação da capacidade de composição e criação musical refletem-se no desenvolvimento da criança em todas as suas valências. Ou seja, a experiência da criação aplicada à música proporciona o desenvolvimento cognitivo, social, da sensibilidade estética, musical e artística da criança, não só lhe facultando competências essenciais para o seu percurso académico, mas também para o seu futuro, enquanto adulto independente e capaz de viver em conformidade com o contexto social no qual se insere. No entanto, a investigação também mostra que não há concordância quanto à definição da criatividade musical. Ou seja, para alguns autores e docentes a criação musical implica a aplicação consciente dos conteúdos musicais aprendidos, enquanto, para outros, a criação musical passa pela experimentação livre de materiais sonoro-musicais.

Através da realização de entrevistas a docentes de música no contexto de AEC no 1º ciclo do EB, foi possível estabelecer contactos, trocar opiniões e percepções quanto à prática profissional. Através da investigação para a construção da fundamentação teórica desenvolvida envolta da criatividade musical, foi possível conhecer o trabalho desenvolvido por teóricos e pedagogos na área da educação musical.

Desta forma, esta investigação torna-se um pequeno contributo para a comunidade da educação musical, tornando-se também, um pequeno registo que certamente será um princípio para outras investigações mais aprofundadas.

4. CONCLUSÃO

O início à Prática de Ensino Supervisionada foi marcado pelo primeiro contacto com as aprendizagens essenciais da EM, com as orientações curriculares prescritas pelo Ministério da Educação (2001) para a disciplina, com os objetivos e conteúdos programáticos, bem como com a dinâmica da aula de EM no 2º ciclo do EB. Para iniciar a prática de lecionação foi fulcral a oportunidade de observar aulas ministradas pelo professor titular de turma, não só lecionadas pelo professor cooperante Carlos Graciano, mas também noutras escolas, onde tive a oportunidade de estabelecer contacto com outros professores de Educação Musical e diferentes opções metodológicas para a abordagem dos conteúdos.

Após a fase de observação, deu-se início à Prática de Ensino Supervisionada objetivando o desenvolvimento dos alunos quanto ao prazer da audição, da prática, leitura e escrita musical, competências de criatividade, memorização, coordenação motora, concentração, bem como a promoção do bem-estar entre a comunidade escolar envolvida (Boal-Palheiros & Bóia, Desafios em Educação Musical, 2020). Ao longo do meu percurso académico, enquanto música, tenho presente os múltiplos benefícios da aprendizagem e prática musical nas diversas habilidades cognitivas, no desenvolvimento da sensibilidade, os benefícios sociais, emocionais e no desenvolvimento pessoal. Hallam (2012) no seu artigo, *Psicologia da música na educação: O poder da música na aprendizagem*, acrescenta que a prática musical no desempenho em geral pode impactar positivamente no desenvolvimento pessoal e social. Assim, na perspetiva de Hallam, a prática musical beneficia a motivação para a aprendizagem em geral, bem como promove vários benefícios sociais através da participação em grupos musicais (Hallam, 2012).

Com o estudo desenvolvido quanto às conceções de criatividade musical por professores de música em AEC, é concluído que existe concordância quanto aos benefícios da inclusão de atividades musicalmente criativas em sala de aula entre os professores entrevistados e a fundamentação teórica reunida. Os benefícios da estimulação da capacidade de composição e criação musical refletem-se no desenvolvimento da criança em todas as suas valências. Ou seja, a experiência da criação aplicada à música

proporciona o desenvolvimento cognitivo, social, da sensibilidade estética, musical e artística da criança, não só lhe facultando competências essenciais para o seu percurso académico, mas também para o seu futuro, enquanto adulto independente e capaz de viver em conformidade com o contexto social no qual se insere.

Através do desenvolvimento das ciências da educação, o paradigma do ensino sofre mudanças frequentemente. Por esta razão, as expectativas sobre os professores, bem como a avaliação das suas competências também mudaram (Turhan, 2019). A oportunidade de desenvolver a PES, ainda que afeta a condição resultante da pandemia Covid-19, foi enriquecedora a nível pessoal e profissional. Isto porque, permitiu a observação da prática de lecionação de EM, contactar com o ambiente de sala de aula de 2º ciclo propício para o desenvolvimento da aula, bem como me permitiu desenvolver o trabalho de docência da disciplina de EM no 2º ciclo do EB durante o ano letivo 2021/2022.

De acordo com Dowling (1988), o professor é um recurso vital que incentiva a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. As funções do professor, como observador, planeador, ouvinte, questionador, educador, avaliador e exemplo, que facilita o processo de aprendizagem (Turhan, 2019). Para o meu futuro profissional, enquanto docente de Educação Musical, é fulcral entender que atualmente, o papel do docente não é cingido à transmissão de conhecimentos e conteúdos, mas sim refletir como se aprende e como se ensina, considerando o contexto da comunidade escolar envolvente. Assim, é essencial o professor compreender os conteúdos da aprendizagem como produtos sociais e culturais, o professor como agente mediador entre o indivíduo e a sociedade, e o aluno como aprendiz social. Tendo em vista uma educação de qualidade, entendida como aquela que atende à diversidade, o processo educativo não é apenas responsabilidade do professor. A formação contínua e a reflexão da prática profissional são importantes tanto para a carreira do docente e a construção da sua identidade como para um melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem (Silva & Felicetti, 2014). Naturalmente, ainda há muitos aspetos a melhorar, contudo é fundamental refletir continuamente pois, a oportunidade do ensino-aprendizagem da disciplina de Educação Musical exige a reformulação de ideias, formação contínua, atualização do ensino e uma

procura incessante pela melhoria da atividade com o intuito de elevar os padrões de qualidade adjacentes à Educação Musical.

5. BIBLIOGRAFIA

- APEM. (2015-2022). *Cantar mais*. Obtido de Cante, Castelo de Beja: <https://www.cantarmais.pt/pt/cancoes/cante/cancao/castelo-de-beja/>
- Azevedo, C. A. (1996). *Metodologia Científica*. Porto: C. Azevedo.
- Beaty, R. K. (30 de janeiro de 2018). PNAS. *Robust prediction of individual creative ability from brain functional connectivity*, 115(5), pp. 1087-1092.
- Beghetto, R. A., Kaufman, J. C., & Baer, J. (2015). *Teaching for creativity in the common core classroom*. Nova York: Teachers College Press.
- Beineke, V. (2001). Revista Expressão. *Criatividade e Educação Musical: Por uma atitude perante as Práticas Musicais na Escola*, 5, pp. 1-15.
- Bell, J. (2002). *Como Realizar Um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Biklen, R. B. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boal-Palheiros, G. (1988). Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical. *Jos Wuytack: 30 anos ao serviço da pedagogia musical*(59), pp. 5-7.
- Boal-Palheiros, G. (1993). *Boletim 76*. Lisboa: APEM.
- Boal-Palheiros, G., & Bóia, P. (2020). *Desafios em Educação Musical*. (E. S.-P. Porto, Ed., M. d. Figueiredo, & F. Silva, Trads.) Porto: CIPEM/INET-md.
- Boal-Palheiros, G., & Bóia, P. S. (2020). *Desafios em Educação Musical*. Porto: CIPEM/INET-md Escola Superior de Educação Politécnico do Porto.

- Boal-Palheiros, G., & Wuytack, J. (2006). Effects of the "musicogram" on children's musical perception and learning. *Proceedings of the 9th ICMPC* (pp. 1264-1271). Bologna: Universidade de Bologna.
- Campbell, P. (set de 2010). Revista da ABEM. *For the love of children: music, education and culture*, 24, pp. 7-12.
- DGE, D.-G. d. (2018). *Aprendizagens Essenciais*. Obtido de Articulação com perfil dos Alunos - 2º Ciclo do Ensino Básico Educação Musical: <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais>
- Duarte, P., & Reis, J. (jul./dez. de 2018). Revista da Abem. *O currículo, a educação musical e as realidades individuais de cada estudante: um ensaio em defesa da inclusão cultural no ensino da música*, 26(41), pp. 5-20.
- Educação, M. d. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Educação, M. d. (2018). 1º Ciclo do Ensino Básico . Em E. Musical, *Organização Curricular e Programas* (pp. 67-74). 4ª Edição.
- Feist, G. J. (2010). The Cambridge Handbook of Creativity. *The Function of Personality in Creativity: The Nature and*, pp. 113-130.
- Ferreira, O. (2014). *Métodos de investigação: Da interrupção à descoberta científica* . Grupo Editorial Vida Económica.
- Godinho, J. C. (2017). *Música Seis - Educação Musical 6º Ano*. Barcarena: Santillana.
- Gomes, S. B. (2010). Revista Imaginar. *A criatividade como ferramenta de flexibilização de limites*, 52, pp. 59-61.
- Hallam, S. (2012). Psicologia da música na educação: o poder da música na aprendizagem. *Revista de Educação Musical*(138), 29-34.

- Hargreaves, D. J. (2011). Associação Portuguesa de Educação Musical. *Criatividade, bem-estar e improvisação musical das crianças, em casa e na escola*(137), pp. 5-10.
- Hartwig, K. A. (2014). *Research Methodologies in Music Education*. Reino Unido: Cambridge Scholars.
- Kodaly, Z. (2012). Bulletin of the international Kodaly Society. *Postscript to the first, second and third editions of Bicina Bugarica (1937,1941, 1944)*, 37(2).
- Leite, C. (2003). Revista Música, Psicologia e Educação. *Princípios e implicações da gestão curricular local*, pp. 5-11.
- Luke, M., & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Lusa. (2021). *Democracia cultural pressupõe cruzamento entre cultura e educação*. RTP - Cultura.
- Mic. (2022). *Centro de Investigação & Informação da Música Portuguesa*. Obtido de <http://www.mic.pt/index.html>
- Mota, G. (2007). A Música no 1ºciclo do Ensino Básico - contributo para uma reflexão acerca do conceito de enriquecimento curricular. *Revista de Educação Musical*(128-129).
- Neves, A., Amaral, D., & Domingues, J. (2022). *100% Música@: Educação Musical 6º ano*. LeYa Educação.
- Reis, P. (2011). *Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente* (Vols. Cadernos do CCAP – 2). Lisboa: Conselho Científico para a avaliação de professores.
- Rodrigo, J. (2008). *Estudo de caso - fundamentação teórica*. Brasília: Vestcon.

- Schon, D. A. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. *António Nóvoa*, 79-92.
- Silva, G. B., & Felicetti, V. L. (2014). Habilidades e competências na prática docente: perspectivas a partir de situações-problema. *Educação por Escrito*, 17-29.
- Sousa, A. d. (2021). *Educação para a Cidadania*. Obtido de Projeto Educativo do Agrupamento de Escola Aurélia de Sousa: http://ae-aureliadesousa.com/ativos/docs/pe2018_2021.pdf
- Sousa, A. d. (s.d.). *Escola Básica Augusto Gil*. Obtido de Agrupamento de Escola Aurélia de Sousa: <https://ae-aureliadesousa.com/escola-basica-augusto-gil/>
- Turhan, N. S. (2019). A Research on the Characteristics of the Inspiring Teacher. *European Journal of Educational Research*, 5, 1-18.
- Veloso, A. L. (2012). *Voar até ao Comboio dos Segredos: A construção de significados partilhados no desenvolvimento do Pensamento Musical em crianças Crianças do 1º Ciclo do EB*. Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte: Aveiro.
- Veloso, A. L., & Carvalho, S. (2012). Musical Creativity. *Music composition as a way of learning: emotions and the situated self*, pp. 73-92.
- Vygotsky, L. (2009). *A imaginação e a arte na infância*. (M. S. Pereira, Trad.) Relógio D'Água Editores.

6. ANEXOS

ANEXO I – OBSERVAÇÃO DAS AULAS

https://ippptmy.sharepoint.com/:f/g/personal/3170158_ese_ipp_pt/EsiR5pRWRl1Hqls4VC3BQBABINLss5qd-U76I8GftbRiNQ?e=UO1PiZ

ANEXO II – PLANIFICAÇÃO DE AULAS

https://ippptmy.sharepoint.com/:f/g/personal/3170158_ese_ipp_pt/EveuPdX4V5JPs0qT0NnsbDQBMLPsHxpRi08JTtnTDdG68A?e=CY5Syg

ANEXO III – CONCERTO DE FIM DE ANO

https://ippptmy.sharepoint.com/:f/g/personal/3170158_ese_ipp_pt/EgMAjx894IpGhBYXgB2MQjMBDjby4-rB7tmFq_xWs1weQ?e=rSYbMY

ANEXO IV - CONSENTIMENTO DIRIGIDO AOS DOCENTES

O meu nome é Cláudia Carneiro, sou mestranda em Educação Musical na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Como parte do mestrado em Educação Musical, estou neste momento a desenvolver um pequeno estudo de investigação cujo tema é “Conceções de Criatividade musical: perceções de alunos do 1º ciclo do EB e de seus docentes em contexto de AEC. Esta entrevista é dirigida a _____, professor de em contexto de Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º Ciclo.

A entrevista procura, em primeiro plano, perceber como é que as aulas de Educação Musical estimulam a criatividade do aluno do Ensino Básico, e, posteriormente, compreender, de forma mais aprofundada, a conceção de criatividade musical desenvolvida pelos docentes de educação musical inquiridos. Esta entrevista será realizada no dia _____ e depois transcrita fielmente, sendo validada pelo próprio entrevistado. A transcrição será utilizada apenas em contextos de investigação, como a defesa da tese, conferências, ou artigos científicos.

Nestes contextos, será utilizado um pseudónimo para garantir o anonimato do docente, e os dados pessoais e referentes ao contexto (ex: nome da escola, nome de professores ou diretores) não serão nunca revelados. Peço autorização para publicar a origem da entrevista, visto ser uma figura relevante para a nossa investigação. Desde já agradeço a disponibilidade em colaborar com o projeto de investigação. Tomei conhecimento e dou autorização respetiva.

O/A docente, _____

ANEXO V - GUIÃO DE ENTREVISTA

1. Muito bom dia/boa tarde. Pode falar um pouco de si, seu percurso académico e profissional?

2. Ao longo destes últimos anos que tipo de atividades tem vindo a desenvolver em sala de aula? Audição, Interpretação (prática vocal, prática instrumental), composição, improvisação? ...

3. Quais as atividades em que se sente mais confortável em lecionar? Porquê? E quais parecem ser as que os alunos aderem e gostam mais? Porquê?

4. Considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno? Porquê? Em que sentido?

5. Nas suas aulas de Educação Musical, considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos? Em que atividade(s)?

6. Considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais criativas em sala de aula? Falo não só de atividades de composição e improvisação, mas também de abordagens mais criativas à audição ou à performance... Se não, o que acha o que faltou.

7. Para si, o que é a criatividade musical/ como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo?

ANEXO VI - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE A

Cláudia – Então, muito boa tarde professor. Pode falar um pouco de si, seu percurso académico e profissional?

Docente A – Posso, claro! Então, o meu percurso académico passou por a Academia da Póvoa de Varzim, na primeira instância. Melhor dizendo, primeiro pela Banda, comecei na Banda Musical da Póvoa de Varzim e depois ingressei na Academia de Música onde estudei clarinete. Mais tarde, uma vez que os meus pais não eram e não são de famílias abastadas, não é? Fui trabalhar para poder juntar algum dinheiro para ir estudar. Como eu queria trabalhar e estudar ao mesmo tempo, tive que ir para um curso noturno, para um curso superior, e na altura só o Instituto Piaget em Vila Nova de Gaia, Arcozelo, é que tinha o curso noturno. Então, eu fui para lá e fiz a minha licenciatura em Educação Musical. Depois prossegui estudos também ainda no Piaget, onde fiz mestrado em Ensino de Educação Musical. Nesse mestrado também tive uma bolsa, a título de curiosidade, uma bolsa de mérito como melhor aluno do Ensino Superior na área da Música, que me foi bastante gratificante, na altura, porque acabou por me pagar uma parte do meu mestrado. Prontos, entretanto, aí comecei a dar aulas no âmbito das AEC na Escola de Música da Póvoa de Varzim. E (ah) mais tarde fui fazer outro mestrado, fiz mestrado em Formação Musical, nesta vez na Universidade Católica Portuguesa. (Ah) Este é o meu percurso académico, não é? Depois também me inscrevi em doutoramento em Santiago de Compostela, em Ciências da Educação. (Ah) Neste momento estou na etapa tese, mas está um bocadinho (risos) parado. Meteu-se o nascimento do meu filho e assumi a presidência da Associação da Banda Musical da Póvoa de Varzim. E então, tive que parar um bocadinho com o doutoramento, prevejo acabá-lo em breve, mas neste momento está parado. Dizer também que a nível profissional comecei nas AEC, o ensino da Música no 1º ciclo no âmbito das AEC. (Ah) Mais tarde fui convidado pela própria Escola de Música a coordenar as AEC no concelho da Póvoa de Varzim. Neste momento sou também professor de Formação Musical na Escola de Música da Póvoa de Varzim, e, de Classe de Conjunto.

(Ah) Continuo também na direção da Associação da Banda Musical da Póvoa de Varzim como presidente. E, é esta a minha vida profissional neste momento.

Cláudia – Ok, muito obrigada! Então, na sua prática letiva o que desenvolve em sala de aula? Audição, interpretação, composição, improvisação?

A – Sim, todas essas dimensões da área música são desenvolvidas com os alunos. Neste momento, dou também Formação Musical, tanto em Iniciação como no Ensino Básico. E, essas dimensões, digamos, esses pilares da Educação Musical são trabalhados com os alunos de diversos exercícios práticos, teóricos e auditivos, não é? Que vamos fazendo ao longo das aulas e depois lecionando as mesmas.

Cláudia – Ok! E, em quais atividades é que se sente mais confortável em lecionar? Porquê? E quais é que parecem que os alunos aderem e gostam mais? Porquê?

A – Ah desculpa! Podes repetir?

Cláudia – Sim! Então, quais são as atividades em que o professor se sente mais confortável em lecionar? Porquê? E quais é que parecem que os alunos aderem e gostam mais? Porquê?

A – Olha! Eu, pessoalmente, acho que me sinto confortável em todas, sinceramente! Sinto-me confortável em todas, também já são alguns anos de prática letiva, não é? O que nos vai dando algum traquejo, alguma bagagem para além das formações que se vão fazendo ao longo da vida, não é? E vou me sentindo confortável em todas elas. Já para os alunos, a prática da audição, da parte rítmica, exercícios rítmicos... gostam bastante, sinto que gostam bastante! Aliás, às vezes pedem para fazermos ditados rítmicos, dentro desse âmbito da matéria, não é? A parte rítmica. Na parte da composição também gostam bastante, não é? Quando, por vezes, damos um certo ritmo e pedimos aos alunos para trazerem uma certa melodia onde seja inserido esse ritmo, não é? É claro que, lá está, na música, e tu sabes disso, não é? Muitas vezes, esses pilares da Educação Musical estão intrinsecamente interligados entre eles, não é? Eu costumo dizer, a música é a mesma desde a infância até à fase mais adolescente, o nível de complexidade é que vai mudando.

Mas os alunos, maioritariamente, gostam de todas as atividades. Lá está, temos que ser criativos em sala de aula e não criar monotonia de exercícios. A nossa prática tem que passar, lá está, por essa autorregulação da nossa prática. Ou seja, perceber o aluno/ a turma, o que podemos fazer com eles e avançar.

Cláudia – Ok! Considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno? Porquê? Em que sentido?

A – Claro! Ou seja, nós hoje em dia vivemos numa sociedade altamente competitiva, não é? E quanto mais criativos formos, não é? Possivelmente mais oportunidades vamos ter neste momento, porque aquele emprego para a vida terminou, ou se não terminou está em vias de terminar. E cada vez mais temos que criar, dinamizar, diversificar são palavras que temos que utilizar hoje em dia, e, implementar em sala de aula. (Ah) A criação dentro da sala de aula, como há bocadinho te disse, ou seja, pode começar a partir de um ritmo ou de uma sequência melódica eles terem que construir uma melodia. Recurso às novas tecnologias, criar a partir das novas tecnologias. Eu lembro-me que no curso profissional, como foi no teu caso, dei-vos uma disciplina que se chamava Informática na Música, não é? E que, de certa forma, se calhar não foi o teu caso, mas nalguns casos foi a primeira vez que contactaram com um programa informático na música. Neste caso foi o Musescore, um programa gratuito. Isso dá azas à imaginação, criar novas melodias, criar novos textos, quer dizer, novos padrões rítmicos, novos padrões melódicos. Estimular também o uso das novas tecnologias, chamá-los à aula e dar essas ferramentas aos alunos para que eles possam criar também a partir dessas ferramentas. Ainda hoje uso muitas vezes o Musescore até para exemplificar alguma coisa aos alunos, não é? E escrevo e eles ficam todos curiosos de como funciona. “Ó professor, já experimentei em casa e como é que eu agora meto a tercina?”, “Ok, metes a colcheia e control 3. Aquilo vai te aparecer para dividires depois a célula” E por aí... Algumas aplicações também para telemóvel, fazemos jogos interativos até dentro da sala de aula. O “ouvido astuto” que é um joguinho que tem na Play Store, “Jogo de Claves” que é bom para os alunos mais novos começarem a jogar entre eles as notas na clave de Sol, na clave de Fá, na introdução da clave de Dó 3º e 4º linha, e por aí fora. Ou seja, temos que chamar cada vez mais as novas tecnologias à sala

de aula porque os alunos são digitais. Eu costumo dizer que os alunos nascem com o polegar a mexer, não é? E está tudo à distância do telemóvel, do smartphone, neste caso. E a partir daí temos nós que nos adaptar. Eu quando nasci ainda não havia as novas tecnologias elas foram-me impostas, em certa parte. Mas se calhar, quando tu nasceste, ou os mais novos até, se calhar tu ainda não, já nasceram com um telemóvel nas mãos. E se nós, professores, não acompanharmos os tempos vamos sofrer porque vamos ter falta de alunos. E essa é também uma forma de estimular a criatividade, criar, lá está! Dar ferramentas aos alunos, independentemente de eles seguirem a área musical ou não, mas dar-lhes ferramentas para que possam mais tarde sobreviver ou viver na sociedade. Ou em sociedade, melhor dizendo.

Cláudia – Claro! Nas suas aulas de Educação Musical, considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos?

A – Sim! Como te disse ainda agora, esse género de atividades estimulam a própria criatividade porque, lá está! Ao jogarmos esses jogos interativos, depois ao pedir alguma coisa aos alunos, para que me tragam algum ritmo, uma melodia, um exercício de qualquer tema, digamos assim. Eles muitas vezes recorrem a essas novas tecnologias para criar e depois passar para o papel, eventualmente. E essa é uma forma de estimular, e eu procuro sem fazer a estimulação. Aliás fazemos um campeonato, uma vez por período, normalmente nas últimas aulas, inter-turma para apurar um vencedor dos vários jogos que vamos construindo. Que vamos construindo não, que vamos utilizando para a didática, no fundo, e para a pedagogia em sala de aula. E isso parece que não mas ajuda-os a compreender a matéria de forma mais criativa também, não só o quadro e o giz, em que no quadro pautado e com o giz os alunos passam para o caderno. Ou seja, isso não nos traz nada. Aliás não estamos na escola antiga e hoje vivemos tempos modernos. Estamos na escola moderna onde o professor deixou de ser o mero transmissor de conhecimento, o aluno faz parte do conhecimento onde o aluno também aprende e o professor também aprende. Ou seja, há uma troca e partilha do conhecimento, não é? Onde o aluno, claro, é o centro, é a ação do desenrolar de toda a aprendizagem, do processo de ensino e aprendizagem. Pronto, e é dessa forma, como já expliquei agora e na anterior que é dentro disso.

Cláudia – Sim (risos). Considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais criativas em sala de aula? Falo não só de atividades de composição e improvisação, mas também de abordagens mais criativas à audição ou à performance.

A – Penso que sim, eu penso que sim, francamente. Tanto no Piaget como na Católica nós tínhamos diversas unidades curriculares desde, deixa ver se me recordo... (Ah) tínhamos teatro, improvisação, ateliês musicais que davam azo também a essa improvisação. Ou seja, nós acabamos por absorver, no fundo assimilar o que os professores também nos passavam, não é? Essas formas de aprender, por exemplo, vou te dar um exemplo... Criar uma história e temos que musicar essa história, Ou seja, estamos aí a trabalhar a parte da interpretação, da audição, da composição. E saiu, na altura lembro-me que saiu, saíram histórias bem musicadas e que foram apresentadas em público, aliás! E que tiveram sucesso, nessa altura, sim! E dessa forma, lá está, considero sim que a minha formação foi suficiente! É claro que nunca é excelente, digamos assim, não é? Mas foi suficiente, acho que sim.

Cláudia – Ok! E então, para si, o que é a criatividade musical e como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.

A – Olha, o que é a criatividade musical, isso é, não é fácil de definir! Porque nós podemos ser criativos e não ter nexos nenhuns, e, estamos a ser criativos. Eu acho que somos criativos quando temos a perceção daquilo que estamos a fazer, não é? Isto é um bocadinho como a improvisação no jazz... “Ah e tal toca-se umas notas e tal e fazemos jazz” Não! O jazz é também uma linguagem da música que é preciso aprender. É claro que numa fase de criança no 1º ciclo e até no 2º ciclo passamos por aí, criar sem regra. No fundo para estimular a própria criatividade no aluno. Lá está! Mas começando a interiorizar, a conhecer os conteúdos programáticos que são lecionados o aluno já faz aquilo com outra maturidade musical, e, aí sim. Eu posso te dar um exemplo, nós temos um aluno na Escola de Música que neste momento está no 5º grau, ou seja, está no 9º ano e já definiu que quer composição. Aliás, mostrou-me algumas composições dele até, algumas bastante interessantes, mesmo! Bastante interessantes com cabeça tronco e membros como se costuma dizer, não é? E lá está! Foi a partir do Musescore, dessa ferramenta que ele

começou a ter pelo gosto da criação, e, começou a criar, mas a criar música mesmo! O que é muito interessante! E hoje ele diz que quer ir para composição, diz que quer seguir composição e nós estamos a dar todo o apoio na Escola de Música, claro, para que ele possa seguir o seu sonho neste momento, não é? (Ah) Acho que é desta forma que se pode também criar, fazer, lá está! Vou te dar um exemplo, tu sabes, tu conheces. O musical das AEC que fazemos, não é? Que este ano, infelizmente, não fizemos por causa da maldita pandemia, não é? E para o próximo ano também não, já decidimos que não vamos avançar, porque não sabemos em que é que isto vai dar e estar a investir em materiais e para depois não por os pais a gastarem dinheiro e para depois não porem os pais a gastarem dinheiro e depois não se realizar, seria bastante frustrante. Então decidimos optar por não avançar. O próprio musical, no fundo, apesar de ser uma história já previamente escolhida, não é? Onde muitas vezes é negociada com os próprios alunos, a partir de vários temas que já temos, ou que vamos criar. Tal como chegou a acontecer, a parte da criação, lá está, dos temas, era negociado e é negociado com os alunos. Os musicais que vamos fazer, qual é o musical que vamos fazer, normalmente pegamos nos temas da Disney, não é? Por exemplo, o Rei Leão, o Aladino e por aí fora. Os temas são eles próprios a escolher. (Ah) E muitas vezes quem ensaia a parte teatral, muitas vezes os próprios alunos muitas vezes dão as dicas. “Não professor, e se fizéssemos assim...”, “vamos então! Avancemos!” Ou seja, isso é estimular a própria criação e a criatividade do aluno. (Ah) E depois, claro, no musical eles têm oportunidade de ensaiar, de ver, de estar com os instrumentos in loco, os verdadeiros instrumentos musicais. E isso também estimula, no fundo, à própria aprendizagem musical e o conhecimento do próprio aluno.

Cláudia – Ok professor! (risos) Já acabei.

A- Já? Foi rápido

Categoria	Citação	Análise
<p>Percurso académico e profissional</p>	<p>“Então, o meu percurso [...] comecei na Banda Musical da Póvoa de Varzim e depois ingressei na Academia de Música onde estudei clarinete. [...] fiz a minha licenciatura em Educação Musical. Depois prossegui estudos também ainda no Piaget, onde fiz mestrado em Ensino de Educação Musical. [...] Prontos, entretanto, aí comecei a dar aulas no âmbito das AEC [...] mais tarde fui fazer outro mestrado, fiz mestrado em Formação Musical [...] Depois também inscrevi-me em doutoramento em Santiago de Compostela, em Ciências da Educação. [...] Dizer também que a nível profissional comecei nas AEC, o ensino da Música no 1º ciclo no âmbito das AEC. [...] Neste momento sou também professor de Formação Musical [...] e, de Classe de Conjunto. [...].”</p>	<p>Quanto ao percurso académico, iniciou os estudos na Banda Filarmónica, prosseguindo para a Academia de Música. Mais tarde, realizou uma licenciatura em Educação Musical. Mestre em Ensino de Educação Musical e Ensino de Formação Musical. Doutorando em Ciências da Educação.</p> <p>Profissionalmente, já trabalhou em contextos não musicais. Atualmente, leciona no âmbito das AEC, bem como as disciplinas de Formação Musical e Classe de Conjunto.</p>
<p>Atividades desenvolvidas em sala de aula</p>	<p>“Audição, interpretação, composição, improvisação [...] Esses pilares da Educação Musical são trabalhados com os alunos de diversos exercícios práticos, teóricos e auditivos.”</p>	<p>Audição, interpretação, composição e improvisação, através de exercícios práticos, teóricos e auditivos.</p>
<p>Atividades em que se sente mais confortável em lecionar</p>	<p>“Olha! Eu, pessoalmente, acho que me sinto confortável em todas, sinceramente! Sinto-me confortável em todas, também já são alguns anos de prática letiva, não é? O que nos vai dando algum traquejo, alguma bagagem para</p>	<p>Sente-se confortável em lecionar todas as atividades em sala de aula.</p>

	além das formações que se vão fazendo ao longo da vida, não é? E vou me sentindo confortável em todas elas [...]"	
Atividades em que alunos aderem e gostam mais	"[...] Já para os alunos, a prática da audição, da parte rítmica, exercícios rítmicos [...] sinto que gostam bastante! Na parte da composição também gostam bastante, não é? [...]"	Os alunos gostam de exercícios rítmicos e de composição.
Criatividade musical dos alunos é importante para o seu desenvolvimento musical, pessoal e social.	"Claro! [...] E quanto mais criativos formos, não é? Possivelmente mais oportunidades vamos ter neste momento[...] E cada vez mais temos que criar, dinamizar, diversificar são palavras que temos que utilizar hoje em dia, e, implementar em sala de aula. [...] A criação dentro da sala de aula, como há bocadinho te disse, ou seja, pode começar a partir de um ritmo ou de uma sequência melódica eles terem que construir uma melodia. Recurso às novas tecnologias, criar a partir das novas tecnologias. [...] Estimular também o uso das novas tecnologias, chamá-los à aula e dar essas ferramentas aos alunos para que eles possam criar também a partir dessas ferramentas. [...]"	A criatividade musical contribui para o desenvolvimento da musicalidade dos alunos, no desenvolvimento corpóreo musical, pessoal e social. As atividades musicais estimulam a auto-estima, a confiança e a postura em relação à escola.
Costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos.	" Sim! [...] eu procuro sempre fazer a estimulação [...]"	Sim!

<p>Formação adequada e suficiente para desenvolver atividades musicais e criativas em sala de aula.</p>	<p>“Penso que sim, [...] tínhamos teatro, improvisação, ateliês musicais que davam azo também a essa improvisação. [...]considero sim que a minha formação foi suficiente!”</p>	<p>Considera que tanto a licenciatura como o mestrado foram adequados. No entanto, realiza frequentemente formações complementares.</p>
<p>O que é a criatividade musical.</p>	<p>“Eu acho que somos criativos quando temos a percepção daquilo que estamos a fazer, [...]</p>	<p>Criatividade musical é um processo de criação a partir de diversas ideias e materiais musicais.</p>
<p>Como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.</p>	<p>“[...] Eu acho que somos criativos quando temos a percepção daquilo que estamos a fazer, [...] É claro que numa fase de criança no 1º ciclo e até no 2º ciclo passamos por aí, criar sem regra. No fundo para estimular a própria criatividade no aluno. Lá está! Mas começando a interiorizar, a conhecer os conteúdos programáticos que são lecionados o aluno já faz aquilo com outra maturidade musical, e, aí sim. [...] E isso também estimula, no fundo, à própria aprendizagem musical e o conhecimento do próprio aluno.”</p>	<p>O aluno musicalmente criativo tem a percepção da aplicação criativa das aprendizagens.</p>

ANEXO VII - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE B

Cláudia – Muito boa tarde! Pode falar um pouco de si, seu percurso acadêmico e profissional?

Docente B – Boa tarde! Ora, eu comecei a estudar música para aí com doze ou treze anos e foi numa escola de música particular. Ou seja, foi um ensino mais informal. (Ah!) Era uma coisa muito mais prática, não é? Eu comecei por aprender órgão, era muito mais prático e a teoria musical era muito, muito pouca. Pronto, de qualquer maneira eu tive nessa escola para aí três anos. Depois tive muitos anos como autodidata, fiz parte de grupos corais, fiz parte de um Rancho, tocava cavaquinho e dançava. E só mais tarde é que eu fui investir um bocadinho mais na música! (Ah!) Ou seja, eu fui tendo a música sempre na minha vida, não é? Na minha vida acadêmica e profissional, também. Mas só para aí com trinta anos, eu tenho quarenta e cinco neste momento, é que comecei a estudar música no Conservatório. Inscrevi-me, tive três anos, fiz acumulações na Formação Musical especial, e, depois é que fui fazer a Licenciatura em Educação Musical e o Mestrado, tudo seguidinho (risos).

Cláudia – Ok, obrigada! Então e na sua prática letiva o que desenvolve em sala de aula? Audição, interpretação, composição, improvisação?

B – Eu faço um bocadinho de tudo, se calhar o que eu faço menos é a audição ativa de reportório erudito. Nós fazemos audição, sim, às vezes para escolher reportório, não é? Eu trago, por exemplo, uma lista de músicas, várias, e dependendo da turma surge, “Olha vamos ouvir esta e vocês escolhem a que gostarem mais!”. Ouvimos e depois os alunos votam na que gostaram mais, e, depois a partir daí trabalhamos a parte da prática vocal e instrumental, quer seja também na parte de mimar as canções com gestos ou movimentos. E é mais por aí! Depois, na parte da composição e improvisação, (ah) eu gosto de fazer também... É assim, eu não dedico muitas aulas a isso, é verdade! Mas tento fazer sempre a composição em grupo, em grande grupo. Por exemplo, o tema do outono presta-se muito bem para isso, tem os sons do vento, das folhas, criamos uma história, não

é? Associamos ao Magusto ou ao S. Martinho, qualquer coisa assim. E fazemos uma composição do outono que reflita esses sons das folhas, da chuva, e isso. Normalmente, com a temática do outono eu costumo trabalhar essa parte da composição. E, depois a improvisação é mais na altura do Carnaval, em que nós fazemos... eu habitualmente faço a construção de instrumentos com a reutilização de materiais de desperdício. E depois, é muito engraçado eles explorarem os instrumentos, e aí criamos sempre alguns momentos de improvisação, pronto. Acaba por ser também mais com as turmas de 3º e 4º ano, porque esses têm AEC de música duas vezes por semana e então dá tempo para fazer isso. Enquanto que os do 1º e 2º ano só têm uma vez por semana e eu acabo por não querer perder tempo, digamos assim, com essa atividade, ou faço uma atividade muito mais orientada com essas turmas de 1º e 2º ano. E há aqui uma coisa, que eu por acaso li as questões, aponte, na questão da improvisação ou até mais na interpretação, prática vocal e instrumental. Também trabalho um bocado a expressão dramática, é uma coisa que os alunos se revêm muito, e depois, sempre com o intuito de uma apresentação pública. Preparar qualquer coisa que pode ter um bocadinho de teatro, momentos musicais e que culmina numa apresentação pública. Estes últimos dois anos, com a pandemia Covid-19, como as escolas não teve visitas de estudo, não teve saídas, isso tornou-se muito importante lá na escola, porque eles preparam coisas lá na escola para mostrar às outras turmas. Tive um resultado muito positivo, inclusive os professores titulares filmaram e mandaram para os pais, os alunos envolveram os pais para arranjam o figurino ideal! E pronto, foi uma coisa muito particular, a nível de escola, não é? Cada turma foi ver no seu momento, mas foi muito interessante essa participação e colaboração, para além de estarmos em articulação interdisciplinar, não é?

Cláudia – Ok! Nesse sentido, eu gostaria de saber quais são as atividades em que se sente mais confortável em lecionar? E, porquê? E quais é que parecem que são aquelas em que os alunos aderem melhor? E porquê?

B – (Hm) Pronto! Esta atividade do teatro, digamos assim, tem sido realmente um sucesso. E o que aconteceu, no ano passado eu comecei com esta proposta com as turmas de 4º ano e depois todas as turmas queriam saber quando é que era a “nossa” vez de fazermos o teatro, e, “mostrar-mos” também aos outros grupos. Por isso, é assim, eu sinto-

me bastante confortável na interpretação, na parte da técnica vocal, prática instrumental, composição. Claro que não vou fazer o hino da escola! Não, isso aí ultrapassa-me, não sou capaz! Mas, fazer um arranjo, promover ou destacar alguma música ou uma parte da música que seja interessante. Mesmo aquele trabalho que fizemos com a temática do dia da água, reciclagem, não é? Que é possível destacar algumas coisas, até instrumentos ou ritmos que a própria música sugira. Isso aí sinto-me perfeitamente confortável! O que falha da minha parte, talvez por não dedicar muito tempo a isso, é a utilização de repertório erudito em aula. Eu trabalho muito o repertório infantojuvenil, que já existe em português de Portugal. Eu não gosto de utilizar, por exemplo, costuma-me imenso utilizar músicas conhecidas com letras adaptadas às temáticas. Não gosto, porque eu acho que há repertório suficientemente bom e diversificado para apresentar às turmas. E pronto! E a questão da audição ativa de repertório erudito se calhar é porque ainda não dediquei muito tempo a isso, não é? Eu tive essa experiência na Licenciatura e no Mestrado de preparar uma audição ativa com a temática erudita, mas pronto! Em AEC de Música não tenho feito muito isso. Talvez na escola de música particular, não é? Pronto, que é um ensino mais direcionado para o estudo da música mesmo, aí sim! Tenho feito algumas coisas, mas acho que essa é a minha falha, acho eu! (risos)

Cláudia – (risos) Não será uma falha, não é?

B – Sim! As atividades em que os alunos aderem e gostam mais... Da minha experiência eles gostam muito... eles cantam! Eles habitualmente cantam, juntar os gestos à palavra ajuda imenso a memorizar a canção. E, depois quando introduzimos os instrumentos, isso tem sido uma mais valia, eles gostam muito! O 4º ano já voltou a introduzir a flauta de bisel, eles ficaram muito satisfeitos com isso. Acho que pronto, é mesmo a prática. Não é só cantar, não é só escrever, fazemos atividades de escrita muito pequeninas, não é? De vez em quando faço com os 3º e 4º ano, 2º até. Mas pouquinho tempo, porque na realidade eles gostam é de tocar, cantar, e pronto, se podermos fazer movimentos. (Ah) Às vezes gostam de sair da sala de aula! Com esta coisa do teatro, no ano passado, na escola onde eu estava a trabalhar eu vinha ensaiar o teatro cá fora e era essa a vontade, também! Sair da sala de aula habitual, não é? Eu acho que isso é engraçado!

Cláudia – Ok, obrigada! Considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno? Porquê e em que sentido?

B – Sim, concordo imenso! Portanto, as atividades musicais sim! As atividades desenvolvem a musicalidade dos alunos, sem dúvida! Notei, também, que alguns alunos ainda não sabiam bem o que é a direita e o que é a esquerda, a questão da lateralidade, e os movimentos que se fazem. Primeiro, o que a mão direita faz, a mão esquerda faz. Acho que isso acaba por ser um desenvolvimento corpóriomusical dos alunos (risos) se é que posso dizer assim! A nível pessoal e social, o que eu noto é que alguns alunos que são muito bons a matemática e a língua portuguesa, que depois podem não ser tão bons na música. E o contrário! Com os alunos que não tem grande apetência para a língua portuguesa, a matemática, têm dificuldades com o estudo do meio. Depois na música, nas atividades musicais sobressaem-se e isso dá-lhes uma autoestima, uma segurança que, pronto, que melhora a própria forma de estar deles relativamente à escola, relativamente a determinadas disciplinas. Porque estou cansado em português, porque estou cansado na matemática, e na música, como é mais dinâmico, como não é tão teórico, não é? Pelo menos eu tento que não seja tão teórico nestas idades de 1º ciclo, (ham) seja muito mais a vivência musical, o fazer música. E acho que esses alunos, até têm dificuldades na matemática e na língua portuguesa, depois na música não se nota esta diferença. Inclusive até os alunos com algumas problemáticas associadas ao autismo ou associadas, pronto, a outro nível de problemática. Que depois na aula de música não se nota ou dissipa-se, pronto, é o que tenho reparado!

Cláudia – Ok! (risos) Avançando para a próxima questão. Nas suas aulas de Educação Musical, considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos? E quais?

B – Pronto, sim! Eu costumo sim desenvolver atividades que estimulem a criatividade musical dos alunos, sim! Por exemplo, com a turma do 4º ano eu lanço-lhes um desafio musical no início do ano. Que é cada aluno escolher uma música para ouvirmos na aula, e, nesta primeira ronda tem que ser em português, músicas em português de Portugal. E é engraçado! Alguns dizem que nunca ouvem música portuguesa, ou que não

sabem, ou que não conhecem. Mas é interessante ver que eles cuidam de procurar, gostam de ouvir, estão sempre a perguntar se nesta aula de quem vai ser a música de quem vão ouvir. E eu acho que isso depois acaba por ser engraçado, porque eles depois ficam muito curiosos com “a música que vamos ouvir”, não é? Algumas músicas eles reconhecem, outras não. E isso, eu acho que é interessante porque estimula a curiosidade, não a criatividade mas sim a curiosidade. Por outro lado, eu tenho experimentado nos níveis de 3º e 4º ano deixá-los decidirem algumas coisas. Por exemplo, decidirem os gestos que vamos fazer na canção, pronto, decidirem o que vamos fazer, decidirem o repertório que vamos ouvir, ou eu levo uma seleção e eles escolhem algumas coisas. (Ah) Este Natal eu tive, nas escolas em que estou a trabalhar, fizemos uma apresentação das canções de Natal. Eu, simplesmente, dei a lista das canções e os alunos que se propuseram a ser apresentadores criaram o próprio diálogo da apresentação. Cumprimentaram as turmas, não tinham nada escrito, e eles só tinham, o que tinha escrito eram só o nome das músicas. E então eles fizeram uma apresentação, conseguiram comunicar com o público, não é? Tinham as outras turmas que estavam a assistir ao ar livre, cumprimentaram, “Olá, bom dia ou boa tarde! Esta vai ser a nossa apresentação de Natal, agora vem a turma não sei quê, pedimos silêncio, espero que estejam bem dispostos...”. Fizemos uma interação com o público que eu fiquei de boca aberta, não estava nada à espera! Eu pensei que eles simplesmente iam ler, até pensei “Bem, foi a professora titular que escreveu o texto”. Depois, fui ver a folha, e, a folha foi a que eu tinha enviado, simplesmente os títulos das canções. E eu bom, isto está a ser muito criativo, não é? Está a ser...

(telemóvel toca) Estão-me a ligar agora, vou rejeitar! Peço desculpa Cláudia!

(Ah) Pronto, eu achei que... Eu não tinha feito este tipo de trabalho com eles, não é? Foi super, eles super descontraídos e a assumir o papel de apresentadores. Olha foi espetacular! (risos). Pronto, e mais, ah! Às vezes eu faço, principalmente com as turmas mais velhinhas de 3º e 4º ano, tento fazer sempre uma apreciação do trabalho que foi feito, não é? Ou seja, para discutirmos o que é que correu bem, o que é que correu mal, o que podemos melhorar... Se houver tempo de fazer essa apreciação entre os ensaios e a apresentação pública melhor, não é? Muitas vezes não temos esse tempo e fazemos só no final. Mas é engraçado porque eles depois marcam determinadas coisas que viram, ou que

percecionaram, ou algumas coisas que eu até nem dei conta e eles vão saber, não é? E estão atentos a isso.

Cláudia – Ok! (riso) Considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolver atividades musicais criativas em sala de aula?

B – Sim, sim!

Cláudia - Falo não só de atividades de composição e improvisação, mas também de abordagens mais criativas à audição ou à performance.

B – Sim! Eu acho que tanto na licenciatura como no mestrado eu tive a oportunidade de beber, não é? De professores que tive e das atividades que fizemos. Eu tive ainda aquela disciplina de Projeto no 1º e 2º ano. Pronto, acho que isso foi fundamental para mim, não é? Do meu ponto de vista. Mesmo a parte educativa do mestrado 1º, 2º e 3º ciclo foi muito boa. Pronto, foram propostos vários desafios, que na altura custaram-me um bocadinho a realizar, mas agora vejo os frutos disso. (Ah) Para além disso, eu tenho feito também outras formações complementares, não é? Para além do mestrado, eu tenho feito aquele curso da pedagogia musical do Wuytack, que fiz alguns. Já fiz uma ou duas formações da Casa da Música. Agora estou também a fazer a formação de formadores musicais da Casa da Música. E, acho que isso tem sido um complemento ao que eu já tinha para trás.

Cláudia – Sim, ok! E agora, como conclusão pergunto, para si, o que é a criatividade musical e como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.

B – Ok! Para mim, a criatividade musical funciona um bocadinho como um brainstorming, uma chuva de ideias, não é? Não há certo nem errado! É... Fazemos um amontoado de coisas, de ideias, e depois, daí podemos retirar alguma coisa, algum material musical. Às vezes, algo simples, como uma folha de papel, não é? “Que material musical é que eu posso tirar desta folha de papel que vai para o lixo?” Não é? Acho que é um bocadinho por aí. E como é que o aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo? (Ah) Primeiro, quando às vezes questiona, não é? Porque é que estamos a fazer

isto? Porque é que estamos a fazer desta maneira? Há ali qualquer coisa que o está a incomodar, não é? Que vai gerar uma discussão, e, ao discutir já está a ser criativo, porque já está a raciocinar para além e não apenas a aceitar o que lhe dão, não é? Está a questionar, não é? Está a tentar ver o que é que vamos tirar dali. E acho que é por aí! E, muitas vezes, eu acho que é quando eles estão a experimentar coisas sem pensar no assunto. Eu dou-lhes coisas, por exemplo, um jogo de sinos, e eles estão a experimentar, ou digo-lhes para tocarem só uma nota, ou para inventarem um ritmo. Aí sim! Não está nada escrito no papel, não é? Uma resposta muito sensorial, e, eu acho que isso mostra a criatividade que eles estão a ter.

Cláudia – Pronto! Eu não tenho mais questões. Muito obrigada! (risos)

B – De nada!

Categoria	Citação	Análise
Percurso académico e profissional	“[...]Ora, eu comecei a estudar música [...] numa escola de música particular. [...] eu fui tendo a música sempre na minha vida, não é? Na minha vida académica e profissional [...] comecei a estudar música no Conservatório. [...] fiz acumulações na Formação Musical especial, e, depois é que fui fazer a Licenciatura em Educação Musical e o Mestrado. ”	Licenciatura em Educação Musical; Mestrado em Educação Musical; Docente de Música no contexto de AEC.
Atividades desenvolvidas em sala de aula	“Eu faço um bocadinho de tudo, se calhar o que eu faço menos é a audição ativa de reportório erudito. Nós fazemos audição , sim, [...] depois a partir daí trabalhamos a parte da prática vocal e instrumental , quer seja também na parte de mimar as canções com gestos ou movimentos. [...] na parte da composição e improvisação , [...] tento	Audição, prática vocal e instrumental, expressão dramática, composição em grupo, improvisação e exploração instrumental.

	fazer sempre a composição em grupo , em grande grupo. [...] eles explorarem os instrumentos , e aí criamos sempre alguns momentos de improvisação [...] Também trabalho um bocado a expressão dramática , é uma coisa que os alunos se revêm muito, [...]	
Atividades em que se sente mais confortável em lecionar	“[...] eu sinto-me bastante confortável na interpretação, na parte da técnica vocal, prática instrumental, composição. [...]”	Interpretação vocal, instrumental e composição.
Atividades em que alunos aderem e gostam mais	“Da minha experiência eles gostam muito... eles cantam! Eles habitualmente cantam, juntar os gestos à palavra ajuda imenso a memorizar a canção. E, depois quando introduzimos os instrumentos , isso tem sido uma mais valia, eles gostam muito! [...] Acho que pronto, é mesmo a prática. [...] Às vezes gostam de sair da sala de aula! [...]”	Os alunos gostam da prática interpretativa e de atividades desenvolvidas fora da sala de aula.
Criatividade musical dos alunos é importante para o seu desenvolvimento musical, pessoal e social.	“ [...] As atividades desenvolvem a musicalidade dos alunos , sem dúvida! [...] a questão da lateralidade, [...] desenvolvimento corpóriomusical dos alunos [...] A nível pessoal e social, o que eu noto é que alguns alunos que são muito bons a matemática e a língua portuguesa, que depois podem não ser tão bons na música. E o contrário! Com os alunos que não tem grande apetência para a língua portuguesa, a matemática, têm dificuldades com o estudo do meio. Depois na música, nas atividades	A criatividade musical contribui para o desenvolvimento da musicalidade dos alunos, no desenvolvimento corpório musical, pessoal e social. As atividades musicais estimulam a auto-estima, a confiança e a postura em relação à escola.

	<p>musicais sobressaiem-se e isso dá-lhes uma auto-estima, uma segurança que, pronto, que melhora a própria forma de estar deles relativamente à escola [...]. Inclusive até os alunos com algumas problemáticas associadas ao autismo ou associadas, pronto, a outro nível de problemática. Que depois na aula de música não se nota ou dissapa-se [...]”</p>	
<p>Costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos.</p>	<p>“Eu costumo sim desenvolver atividades que estimulem a criatividade musical dos alunos, sim! [...]. Mas é interessante ver que eles cuidam de procurar, gostam de ouvir, estão sempre a perguntar se nesta aula de quem vai ser a música de quem vão ouvir. [...]</p>	<p>Sim!</p>
<p>Formação adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais e criativas em sala de aula.</p>	<p>“Sim! Eu acho que tanto na licenciatura como no mestrado [...] tenho feito também outras formações complementares [...]</p>	<p>Considera que tanto a licenciatura como o mestrado foram adequados. No entanto, realiza frequentemente formações complementares.</p>
<p>O que é a criatividade musical.</p>	<p>“Para mim, a criatividade musical funciona um bocadinho como um brainstorming, uma chuva de ideias [...] Não há certo nem errado! É... Fazemos um amontoado de coisas, de ideias, e depois, daí podemos retirar alguma coisa, algum material musical. [...]</p>	<p>Criatividade musical é um processo de criação a partir de diversas ideias e materiais musicais.</p>

<p>Como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.</p>	<p>“[...] Primeiro, quando às vezes questiona, [...] vai gerar uma discussão, e, ao discutir já está a ser criativo, porque já está a raciocinar para além e não apenas a aceitar o que lhe dão, [...] quando eles estão a experimentar coisas sem pensar no assunto. [...] Uma resposta muito sensorial, e, eu acho que isso mostra a criatividade que eles estão a ter.”</p>	<p>O aluno musicalmente criativo mostra curiosidade sobre um certo assunto e experimenta sem pensar.</p>
---	--	--

ANEXO VIII - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE C

Cláudia – Muito bom dia/boa tarde. Pode falar um pouco de si, do seu percurso acadêmico e profissional?

Docente C – Sim! [identifica-se] Sou professor de Educação Musical, sou licenciado em educação musical. (Ah) Dou aulas nas AEC's há quinze anos! Nestes últimos, sei lá, para aí nestes últimos sete ou oito tenho trabalhado com crianças de faixa etária mais baixa. Também nos jardins, nas creches também! E pronto, é um desafio diferente, mas pronto, vai se fazendo!

Cláudia – Ok! E ao longo destes últimos anos que tipo de atividades é que desenvolve em sala de aula? Audição, interpretação, composição, improvisação?

C – Sim! Um bocado disso que estás aí a falar. Ao longo destes últimos anos procurei desenvolver atividades que envolvam a criança ativamente na tarefa. Como por exemplo, prática vocal, prática instrumental, a criação de um coro. Já fiz um coro na escola onde os miúdos participam em audições, audições de Natal, audições de fim de ano, audições do dia do pai. Também realizámos um musical, danças de roda na primavera, canções com gestos, exploração, opáh! Explorações do corpo, através de percussão corporal, prática vocal, coreografias, pronto um bocadinho disso! E com isso tentar proporcionar a descoberta do corpo e da mente, aumentando a consciência de si e do grupo. Valorizando as competências que vai conquistando ao longo dos tempos.

Cláudia – Boa! Quais as atividades em que você se sente mais confortável em lecionar? E porquê? E quais parecem ser as que os alunos aderem e gostam mais? Porquê?

C – É um bocadinho como falei anteriormente! As atividades em que me sinto mais confortável a lecionar são a prática vocal, a prática instrumental. Por exemplo, canções com gestos, canções de dança de roda, (ah) utilizar instrumental Orff para acompanhar audições. Construção de instrumentos também, criar instrumento, os alunos gostam

muito, eles aderem. Por vezes, quando não temos material suficiente é mesmo isso que fazemos, construímos instrumentos e depois utilizamos para acompanhar músicas e até para criar assim uns ostinatos rítmicos. Normalmente, construímos mais instrumentos de percussão, pronto!

Acredito que através do canto a criança desenvolve a atenção, a memória, a coordenação, a comunicação, e também laços de amizade com os colegas e professores.

Na parte da pergunta, parte final, não é?

Cláudia – Sim

C – Na parte em que falavas dos alunos, pronto! Sinto, também, que essas atividades são as que os alunos mais gostam. Eles adoram cantar, e... Porque também sentem-se parte ativa no processo. É sempre mais! Eles têm mais interesse em fazer. Quando digo “em fazer”, digo vivenciar a aprendizagem de uma canção ou de um... Por exemplo, falar da escala das notas, é sempre mais fácil cantar e vivenciar aquilo de maneira prática do que no caderno.

Cláudia- Sim! Eles gostam mais da prática do que da teoria, então, não é?

C – Sim! Mas é muito por aí, não é? E ultimamente, nestes últimos anos então, não é? Quando eles ainda não escrevem, ainda não... em idades mais...

Cláudia – Precoces!

C – Exatamente! Em idades mais baixas eles, páh! Tens que ir por aí, à descoberta do corpo, do espaço e do meio.

Cláudia – Ok! Considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno? Porquê? Em que sentido?

C – Atividades que estimulem a criatividade dos alunos! Sim, acredito que a inclusão de atividades que envolvam ativamente o aluno, como por exemplo, o canto, como falei anteriormente, prática instrumental, individual ou em grupo. (Ah) Como por exemplo criares uma orquestra, aquela orquestrinha do pautas com instrumental Orff, o coro, danças de roda. Eles aderem e são formas agradáveis de estar juntos! Eles aderem a estes momentos. Ajuda na construção de vínculos, relacionais positivos, fomenta o desenvolvimento do corpo, da mente, das emoções e também desperta o potencial criativo. Isso sim! É expressivo de cada um, é muito por aí! Acho que não deves negligenciar a criatividade e devemos oferecer nas aulas sempre espaço para a criatividade! Isso é fundamental numa aula de educação musical, creio!

Cláudia – Ok, boa! Nas suas aulas de Educação Musical, considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos? E quais?

C – Olha! (risos) Essa parte... Sempre que estou assim sem ideias, a primeira é ler, procurar! Porque muitas vezes tu vais para uma aula, tens a tua planificação, mas às vezes achas que tens uma coisa pequenina e que não...

Cláudia – Não chega!

C – Que não dá! Vamos explorar aquela ideia e aquilo do nada... Depois os alunos, também vão dando... Não é que eles propriamente vão dando ideias, mas às vezes ao eles estarem a fazer tu vês o que é que podes/ o que é que está a funcionar/ podes ir mais por ali/ por acolá ...

(Ah) Atividades que desenvolvo... Como era a questão? Que atividades para desenvolver a criatividade dos alunos, não é?

Cláudia – Sim, sim!

C – Pronto, eu acho que para se ser criativo é necessário muita prática. Ninguém começa do nada a ser um Mozart ou um Beethoven, não é? Acho que cantar, tocar, ouvir muita música de vários estilos, géneros e culturas. Executar exercícios rítmicos e

melódicos. Pegar aquelas, tipo paródias, sabes? Pegar numa canção, tirar aquela letra e inventarmos uma letra, pegar por aí. Ou pegarmos num ritmo, um ritmo vincado, ou num ostinato e dar cor! Fazer com instrumentos, ou criar por exemplo uma melodia para um ostinato. Dás um ostinato, por exemplo, e com aquele padrão rítmico inventar qualquer coisa. Às vezes sai, outras vezes não sai, pronto! (risos) Mas a habilidade só chega com a prática, não é? Tu vais fazendo, vais fazendo, vais fazendo,... e quanto mais fazes, mais (ah)... acho que melhora, não é?

Cláudia – Sim! Considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais criativas em sala de aula? Falo não só de atividades de composição e improvisação, mas também de abordagens mais criativas à audição ou à performance... Se não, o que acha o que faltou. De certa maneira já respondeu um bocado a isto, não é?

C – Sim! Oh! Eu creio que na minha formação, pronto! Acho que ... já foi à muito tempo, mas eu tento fazer sempre... procurar, ler, fazer formações, pesquisar. Às vezes conversar com os colegas sobre temas, “como é que tu fazes numa aula, como é que não fazes?” Percebes? A partilha também é importante. (Ah) Mas há sempre espaço para melhorar e eu creio que ... Na minha formação académica gostei dos professores, acima de tudo dos professores! Porque às vezes isso é o importante, não é? Além dos recursos materiais, os recursos materiais são importantes. E, pronto! Acho que dessa parte não tenho muito a acrescentar!

Cláudia – Ok!

C – Não sei se respondi ao que querias!

Cláudia – Não, está bem! E então, para si, o que é a criatividade musical e como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo?

C – Olha! (Ah) Ser criativo e a criatividade musical! É saber utilizar de forma habilidosa competências que vais adquirindo ao longo dos tempos, não é? Tu pegares naquilo que o teu professor te ensinou e pegas daqui/ pegas dali, e vais inventando.

Inventando, quer dizer, vais somando para solucionareres um problema. Quando digo solucionareres um problema, digo para criares, sei lá, uma música. Claro que quando falamos nestas idades não é muito isso, mas às vezes vês ali um miúdo, que tu ensinas-te a canção, e ele depois está ali a bater na mesa ou a bater palmas sozinho, e dali a meia hora está a fazer... E isso quer dizer que fica ali qualquer coisa, não é? Aquele que consegue exprimir sentimentos ou expressões de uma música, através de uma pintura, através de um poema, e outros tantos, não é?

Um aluno criativo, lá está é isso que te estava a dizer! Pode ser aquele aluno que ouve uma música e passado algum tempo está ali a trautear com um acompanhamento, por exemplo! A criatividade pode ser isso! Pode ser descobrir maneiras diferentes de fazer a mesma coisa, não é? Tocar uma canção, tocar... Para mim é um bocadinho isso!

Cláudia – Ok, pronto! Muito obrigada! (risos)

C – Acho que a evolução está em pessoas criativas! O que seria de nós sem o senhor que inventou a roda? (risos)

Categoria	Citação	Análise
Percurso académico e profissional	“Sou professor de educação musical, sou licenciado em educação musical. (Ah) Dou aulas nas AEC’s há quinze anos! Nestes últimos, sei lá, para aí nestes últimos sete ou oito tenho trabalhado com crianças de faixa etária mais baixa. Também nos jardins, nas cresces também! E pronto, é um desafio diferente, mas pronto, vai se fazendo!”	Licenciado em Educação Musical; Professor de educação musical. Leciona em contexto de AEC.
Atividades desenvolvidas em sala de aula	“[...] Ao longo destes últimos anos procurei desenvolver atividades que envolvam a criança ativamente na tarefa . Como por exemplo, prática vocal, prática instrumental, a criação	Atividades que envolvam ativamente o aluno, tais como a prática vocal, prática instrumental, coro e exploração sonora. Atividades

	<p>de um coro. Já fiz um coro na escola onde os miúdos participam em audições, audições de Natal, audições de fim de ano, audições do dia do pai. Também realizámos um musical, danças de roda na primavera, canções com gestos, exploração, opáh! Explorações do corpo, através de percussão corporal, prática vocal, coreografias, pronto um bocadinho disso! E com isso tentar proporcionar a descoberta do corpo e da mente, aumentando a consciência de si e do grupo. Valorizando as competências que vai conquistando ao longo dos tempos.”</p>	<p>que proporcionar a descoberta do corpo e da mente, aumentando a consciência de si e do grupo. Valorizando as competências que vai conquistando ao longo dos tempos.</p>
<p>Atividades em que se sente mais confortável em lecionar</p>	<p>“É um bocadinho como falei anteriormente! As atividades em que me sinto mais confortável a lecionar são a prática vocal, a prática instrumental. Por exemplo, canções com gestos, canções de dança de roda, (ah) utilizar instrumental Orff para acompanhar audições. Construção de instrumentos também, criar instrumento, os alunos gostam muito, eles aderem. Por vezes, quando não temos material suficiente é mesmo isso que fazemos, construímos instrumentos e depois utilizamos para acompanhar músicas e até para criar assim uns ostinatos rítmicos. Normalmente, construímos mais instrumentos de percussão, pronto! [...] Acredito que através do canto a criança desenvolve a atenção, a memória, a coordenação, a comunicação, e também laços de</p>	<p>Prática vocal, instrumental e construção de novos instrumentos de percussão.</p>

	amizade com os colegas e professores.”	
Atividades em que alunos aderem e gostam mais	“Na parte em que falavas dos alunos, pronto! Sinto, também, que essas atividades são as que os alunos mais gostam. Eles adoram cantar, e... Porque também sentem-se parte ativa no processo. É sempre mais! Eles têm mais interesse em fazer. Quando digo “em fazer”, digo vivenciar a aprendizagem de uma canção ou de um... Por exemplo, falar da escala das notas, é sempre mais fácil cantar e vivenciar aquilo de maneira prática do que no caderno. [...] ”	Os alunos gostam da prática vocal, pois participam de forma ativa. Os alunos preferem a prática do que a teoria.
Criatividade musical dos alunos é importante para o seu desenvolvimento musical, pessoal e social.	“Atividades que estimulem a criatividade dos alunos! Sim, acredito que a inclusão de atividades que envolvam ativamente o aluno , como por exemplo, o canto, como falei anteriormente, prática instrumental, individual ou em grupo. [...] o coro, danças de roda. Eles aderem e são formas agradáveis de estar juntos! Eles aderem a estes momentos. Ajuda na construção de vínculos, relacionais positivos, fomenta o desenvolvimento do corpo, da mente, das emoções e também desperta o potencial criativo. Isso sim! E expressivo de cada um, é muito por aí! Acho que não debes negligenciar a criatividade e devemos oferecer nas aulas sempre espaço para a criatividade! Isso é fundamental	Através do canto a criança desenvolve a atenção, a memória, a coordenação, a comunicação, e também laços de amizade com os colegas e professores. A inclusão de atividades que envolvam ativamente o aluno. Ajuda na construção de vínculos, relacionais positivos, fomenta o desenvolvimento do corpo, da mente, das emoções e também desperta o potencial criativo.

	<p>numa aula de educação musical, creio!”</p>	
<p>Costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos.</p>	<p>“Olha! (risos) Essa parte... Sempre que estou assim sem ideias, a primeira é ler, procurar! Porque muitas vezes tu vais para uma aula, tens a tua planificação, mas às vezes achas que tens uma coisa pequenina e que não... [...] Que não dá! [...] Pronto, eu acho que para se ser criativo é necessário muita prática. [...] Acho que cantar, tocar, ouvir muita música de vários estilos, géneros e culturas. Executar exercícios rítmicos e melódicos. [...] Fazer com instrumentos, ou criar, por exemplo, uma melodia para um ostinato. [...] Mas a habilidade só chega com a prática, [...] e quanto mais fazes, mais (ah)... acho que melhora, não é?”</p>	<p>Procura ser criativo no processo ensino-aprendizagem. Para estimular a criatividade musical dos alunos desenvolve exercícios rítmicos, melodias sobre ostinatos e criação instrumental.</p>
<p>Formação adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais e criativas em sala de aula.</p>	<p>“Sim! Oh! Eu creio que na minha formação, pronto! Acho que ... já foi à muito tempo, mas eu tento fazer sempre... procurar, ler, fazer formações, pesquisar. Às vezes conversar com os colegas sobre temas, [...] A partilha também é importante. (Ah) Mas há sempre espaço para melhorar e eu creio que ... Na minha formação académica gostei dos professores, acima de tudo dos professores! Porque às vezes isso é o importante, não é? Além dos recursos materiais, os recursos humanos são importantes. E, pronto! Acho que dessa parte não tenho muito a acrescentar!”</p>	<p>Não comenta quanto à prática da sua formação, no entanto, procura saber mais quanto à prática profissional através da leitura, pesquisa, partilha entre colegas e formações.</p>

<p>O que é a criatividade musical.</p>	<p>“Olha! (Ah) Ser criativo e a criatividade musical! É saber utilizar de forma habilidosa competências que vais adquirindo ao longo dos tempos, não é? Tu pegares naquilo que o teu professor te ensinou e pegas daqui/pegas dali, e vais inventando. Inventando, quer dizer, vais somando para solucionar um problema. Quando digo solucionar um problema, digo para criares, sei lá, uma música.</p>	<p>Ser criativo é saber utilizar de forma habilidosa competências que vais adquirindo ao longo dos tempos</p>
<p>Como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.</p>	<p>“Claro que quando falamos nestas idades não é muito isso, mas às vezes vês ali um miúdo, que tu ensinas-te a canção, e ele depois está ali a bater na mesa ou a bater palmas sozinho, e dali a meia hora está a fazer... E isso quer dizer que fica ali qualquer coisa, não é? Aquele que consegue exprimir sentimentos ou expressões de uma música, através de uma pintura, através de um poema, e outros tantos, não é? [...] Um aluno criativo, lá está é isso que te estava a dizer! Pode ser aquele aluno que ouve uma música e passado algum tempo está ali a trautear com um acompanhamento, por exemplo! A criatividade pode ser isso! Pode ser descobrir maneiras diferentes de fazer a mesma coisa, não é? Tocar uma canção, tocar... Para mim é um bocadinho isso! [...] Acho que a evolução está em pessoas criativas! O que seria de nós sem o senhor que inventou a roda? (risos)”</p>	<p>Um aluno musicalmente criativo é aquele que ouve uma canção e é capaz de criar a partir dela. É aquele de exprime os seus sentimentos nas diversas expressões artísticas.</p>

ANEXO IX - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE D

Cláudia - Boa tarde. Pode falar um pouco de si, no seu percurso académico e profissional?

Docente D - Claro! (Ah) Eu sou [identificação] Sou professor de educação musical! E como é que eu comecei? (Ah) Andei num colégio de freiras. Desde o 1º ciclo tive aulas de música, apesar que, acho que naquela idade ainda não tinha maturidade suficiente para ter aulas de música. E, porque é que eu tinha aulas de música? Porque o meu avô cantava-me canções, eram sempre as mesmas! (risos) Mas havia uma fase no ano em que ele cantava muito, que era nesta fase de agora, dezembro/ janeiro. (Ah) Ele adorava cantar canções de reis! E lembro-me que, eu era pequenito, 6 também não, mas 7/8 anos... e ele dava-me um banco para a mão e um pau. E nós fazíamos de conta que estávamos a cantar as janeiras. E, pronto, comecei assim! Sempre com umas aulas de música, depois as aulas de música passaram para o sábado à tarde. E vinha um senhor dar umas aulitas de música, através daquele método do Eurico Cebolo, que faleceu agora há pouco tempo. E pronto! Quando cheguei ao 9º ano, eu entrei na academia de música, não fui para a escola profissional. Lembro-me que na altura fiz uns testes e eu não sabia ler partituras... e apesar de eu saber tocar viola, que era o instrumento que eu comecei a tocar, não sabia ler partituras, nem sabia ouvir e escrever aquilo que me pediam. E então fiz a inscrição na academia de música e fui para científico-natural no secundário. Fiz o secundário normal e ao mesmo tempo estudava na academia de música. Fiz o 6º grau de formação musical, um grau de percussão, que eu gostava, houve uma fase em que eu inscrevi-me em percussão. Ou seja, eu acumulei! Apesar de não ter, não saber muitas coisas, fiz logo. A turma era boa e o professor disse, “Ah! Vamos fazer aqui uns testes!”. E acumulei ali dois anos ou quê. Fiz também, depois no secundário fiz os pré-requisitos para educação musical, e, sem saber muito bem, olha! Fui e fui para educação musical, e aqui estou!

Cláudia - (risos) Ok, boa!

D - Há 14 anos a dar aulas! 14 ou mais! É, talvez há mais!

Cláudia – Ok! Ao longo destes últimos anos que tipo de atividades tem vindo a desenvolver em sala de aula? Por exemplo, audição, interpretação, composição, improvisação?

D – Audição, vamos começar pela audição! Eu tento, o que é que eu me apercebo? (ah) Com 15 anos que tenho, mais ou menos de experiência, cada vez se torna mais difícil dar a ouvir o que quer que seja. Porque os miúdos estão habituados agora, não querem só o som, também querem imagem! Ou mesmo por causa dos tablets, isto evoluiu muito, mudou muito, assim muito rápido, acho eu! E audição, tento mas não é fácil! O que é que eu faço mais? O que é que era a seguir? Era audição, ...?

Cláudia – Interpretação! Prática vocal, instrumental.

D – Muito! Sempre, sempre, sempre, sempre! As minhas aulas são sempre prática instrumental e prática vocal, muito, muito, muito, mais do que a audição! Eu quando comecei, em 2006, eu lembro-me que conseguia por os miúdos na sala, em U, e eu, com a mão direita no piano, fazia a melodia e eles ouviam 4/5 vezes, não tinha problema nenhum! Eu, atualmente, não consigo! Os miúdos, mal entram na sala, ou os ponho a trabalhar, ocupados com atividades. Para nós, a audição ou é uma escuta ativa, que aí até os consigo prender, uma escuta ativa com pergunta e resposta. Ou então, eu se quiser ouvir, por qualquer coisa a passar no computador para eles ouvirem, eu não consigo! Porque eles ficam logo desatentos, ficam logo distraídos, conversam, fazem barulho. Ou seja, as minhas aulas focam-se muito na prática instrumental e prática vocal.

Cláudia - Ok! Depois, eu referi também a composição e improvisação.

D - Composição e improvisação! Composição, tento sempre, deixo, e improvisação, claro! Dou sempre oportunidade a que eles tragam sempre novas composições e deixo-os improvisar. (Ah) Há sempre esse passo. E o que é que vai acontecendo, que eu apercebo-me? A partir dos 7 anos, 8, eles já são um bocadinho mais autónomos e consigo, muitas vezes eu dou as ferramentas. Por exemplo, eu na flauta, que é o que nós vamos usando em Portugal, eu dou as ferramentas, e eles, ensino 2 ou 3 notas, e eles passado 2 ou 3 semanas, eles aparecem e dizem, “Oh professor! Inventei aqui uma música!” E já temos ali a

improvisação, e eu é por aí que vou ouvindo e dou oportunidade. Chamo-o à frente da turma e digo, “Vamos ouvir, então, o que é que o Carlos, ou o Manuel, tem aqui para nos mostrar!” E pronto, é assim que vou fazendo e gerindo.

Cláudia - Quais são as atividades em que se sente mais confortável em lecionar? Porquê? E quais parecem ser as que os alunos aderem e gostam mais? E porquê?

D - Isso também, isso depende das idades! O que é que acontece? Dependendo das idades, já dei aulas a bebés até aos 10 anos de idade, e, o que é que acontece? Dependendo das idades apercebo-me que, por exemplo, no jardim de infância eles precisam de muito mais uma escuta ativa, ou seja, eu quando canto acompanho sempre com a mímica, com gestos, não é? (Ah) Quando entram para o 1º ano, aí andamos com essas coisas, a partir do 2º ano já começo muito mais a tocar. Eu agora desconcentrei-me um bocado, como é que era a pergunta?

Cláudia - As atividades que eles aderem mais e gostam mais.

D - Ah! Sei, sei. Ou seja, primeiros anos de vida atividades de prática vocal, que é o nosso instrumento, a voz mal nascemos, com gestos e com muito teatro à mistura, digamos assim! E depois, as atividades em que eles gostam, passando ali 7 anos, ao fim do 2º ano, eles têm necessidade, sinto isso, de aprender um instrumento. Basicamente é o prolongamento do corpo, não é? Eles querem meter um instrumento, e nós fazemos a flauta porque é mais acessível e é aquilo que vamos fazendo! Apesar de que, na minha opinião, eu trocava a flauta pela melódica. Eu sei que é um bocadinho mais caro, mas na melódica conseguíamos que as crianças fizessem harmonia. Não só, a melodia, que a neste caso a flauta tem aqui este entrave. Mas pronto, é isto! Nos finais do 2º, 3º e 4º eles adoram o instrumental. Eu falo muito na flauta, porque nós nas Atividades de Enriquecimento Curricular andamos de escola em escola, e não temos uma sala própria como acontece no 2º ciclo, não é? Imagino que com os xilofones e etc se faça outro trabalho.

Cláudia - Sim! E quais são as atividades em que você se sente mais confortável em lecionar?

D – Sempre a prática instrumental! É onde me sinto mais confortável e onde eu tenho mais prazer!

Cláudia – Ok! Considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno? Porquê? E em que sentido?

D – Claro, claro que sim! Isso é uma pergunta difícil! A própria música é uma atividade em que faz desenvolver a criatividade e as questões sociais... trabalha-se muito através da música, não é? Pode-se trabalhar através de danças de roda, etc. Agora, considero importante a atividade, não sei quais, mas imagino! O que eu acho que devíamos fazer era promover mais idas a concertos, a espetáculos. Porque, isto não há hipótese! Para nós imaginarmos outras coisa temos de ver, temos de ouvir muito para depois imaginar. Atualmente, também temos as novas tecnologias que nos ajudam muito. Ajudam-nos muito, não sei se ajudam! Mas acho que também ajudam na criatividade. Na parte social não deve ajudar tanto, mas (risos). Eu às vezes despisto-me um bocado na resposta porque não tenho a pergunta aqui à frente.

Cláudia- Posso avançar?

D – Claro, claro! Eu entretanto, estou aqui a receber uns convidados.

Cláudia – (risos) Ok! Nas suas aulas de Educação Musical, considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos? E quais?

D – Sim (Ah) Quais? Vou pensar um bocado! (Ah) Eu quando apresento, ou quando trabalho com eles músicas que não fazem parte da vida dessas crianças, ou seja, eu vou fazendo a minha seleção e vou escolhendo, e guardo àudios e peças para depois tocar na prática instrumental. Eu julgo que ao dar coisas novas às crianças, coisas que eles desconhecem, estou a desenvolver a criatividade! Porque é uma coisa que eu vou acrescentando e a criatividade vai surgindo. Obviamente que há alunos que estão mais propícios à criatividade do que outros. A criatividade, eu julgo que, deve ser algo hereditário, genético. Também!

Cláudia - Considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolver atividades musicais criativas em sala de aula? Falo não só de atividades de composição e improvisação, mas também de abordagens mais criativas à audição ou à performance. Se não, o que acha o que faltou?

D - A minha formação?

Cláudia - Sim, sim, sim!

D - Na minha formação faltou as novas tecnologias! Apesar de eu achar que não é assim tão importante, é importante, mas é importante como outra coisa qualquer. Eu acho que a nova tecnologia falhou um bocadinho, porque a única coisa que nós trabalhamos foi o programa “Sibelius”. E acho que aí foi uma falha! Quanto à formação para improvisar, para criar, eu julgo que houve uma falha grande! Porque é sempre, é um campo que é... Eu ando à procura de como proporcionar aos alunos atividades que façam com que os alunos tenham mais criatividade, não é? E também não tive nenhum professor que me tenha ensinado nada! Agora, a minha formação, eu vou fazendo com o meu ordenado, eu vou fazendo a minha formação. (Ah) Falha alguma coisa? Falha, mas pronto, vou, tenho ido a algumas, agora nem tanto, mas tenho aproveitado um bocadinho aqui e um bocadinho ali. Pronto, agora na formação básica, acho que assim o método muito... Eu também já estudei à muitos anos, mas aquilo era muito pouco evoluído, não sei se é assim que podemos chamar, mas!

Cláudia - Ok! E para si, o que é a criatividade musical e como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo?

D - Para mim, é quando eu chego à sala e, vou repetir um bocadinho aquilo que disse, é quando chego à sala e alunos que me dizem, “Professor! Inventei aqui uma música e tal”. Pegam na flauta e conseguem fazer um bocadinho de música. Para mim, isso já é trazer um bocadinho de criatividade para a sala. No fundo, não fui eu que ensinei aquilo, apesar de ter oferecido as bases, de ter dado as armas, ensinei a posição, as notas, o som que deve sair. Mas, não fui eu que compus ou que criei aquilo que eles me mostram. São coisas básicas, mas estão adequadas à idade! Isso para mim é criatividade. Obviamente,

que depois quando exploro audições ativas proporciono também alguma criatividade, mas a criatividade, ou melhor, a resposta já é através de prática, batimentos corporais... Depois tem mais a ver com o aspeto de ritmos. Eu, por exemplo, até podia... de vez em quando proporciono também a exploração. E eles também, da mesma forma que trazem para a sala músicas na flauta e muitas vezes também inventam canções, não é? Mas que na sala faça assim com muita frequência... isso não faço! Eu acho que faço, acho eu, posso estar enganado! Que é eu vou proporcionando e pronto, e as coisas vão correndo como aquilo que eu espero. Lá está! Eles trazem as canções inventadas por eles, as musiquinhas na flauta. Depois, audição ativa através de instrumentos de percussão, também. Isso dou sempre oportunidade! Ou chamo um aluno e ele faz uma frase com as mãos (exemplifica) e eu peço uma resposta. Pronto, isto tudo é improvisado, eu sei que é improvisado! Mas também é um bocadinho a criatividade de cada um. E às vezes fico surpreendido, como é óbvio!

Cláudia – Certo! E então, consegue dizer-me o que é acha que é a criatividade musical?

D – Criatividade musical é quando, no contexto de escola, não é? É quando um aluno chega à minha sala e apresenta-me qualquer coisa, ou a cantar ou a tocar num instrumento, feito por ele. Para mim, isso é a criatividade.

Cláudia – Pronto! Ok, muito obrigada (risos)

D – Obrigado eu!

Categoria	Citação	Análise
-----------	---------	---------

<p>Percurso académico e profissional</p>	<p>“[...] Sou professor de educação musical! [...] Andei num colégio de freiras. Desde o 1º ciclo tive aulas de música, [...] Sempre com umas aulas de música, depois as aulas de música passaram para o sábado à tarde. [...] Fiz o 6º grau de formação musical, um grau de percussão, que eu gostava, houve uma fase em que eu inscrevi-me em percussão. [...] Há catorze anos a dar aulas! Catorze ou mais! É, talvez há mais!</p>	<p>Professor de educação musical.</p>
<p>Atividades desenvolvidas em sala de aula</p>	<p>“Audição, vamos começar pela audição! [...] cada vez se torna mais difícil dar a ouvir o que quer que seja. Porque os miúdos estão habituados agora, não querem só o som, também querem imagem! Ou mesmo por causa dos tablets, isto evoluiu muito, mudou muito, assim muito rápido, acho eu! E audição, tento mas não é fácil! [...] As minhas aulas são sempre prática instrumental e prática vocal, muito, muito, muito, mais do que a audição! [...] Para nós, a audição é uma escuta ativa, que aí até os consigo prender, uma escuta ativa com pergunta e resposta. Ou então, eu se quiser ouvir, por qualquer coisa a passar no computador para eles ouvirem, eu não consigo! Porque eles ficam logo desatentos, ficam logo distraídos, conversam, fazem barulho. Ou seja, as minhas aulas focam-se muito na prática instrumental e prática vocal.</p>	<p>Audição enquanto escuta ativa, bastante prática instrumental e vocal. Composição e improvisação sobre os conteúdos aprendidos</p>

	<p>[...] Composição e improvisação! Composição, tento sempre, deixo, e improvisação, claro! Dou sempre oportunidade a que ele tragam sempre novas composições e deixo-os improvisar. [...]</p>	
<p>Atividades em que se sente mais confortável em lecionar</p>	<p>“Sempre a prática instrumental! É onde me sinto mais confortável e onde eu tenho mais prazer!”</p>	<p>Prática instrumental</p>
<p>Atividades em que alunos aderem e gostam mais</p>	<p>“Isso também, isso depende das idades! [...] Ou seja, primeiros anos de vida atividades de prática vocal, [...] E depois, as atividades em que eles gostam [...] de aprender um instrumento.”</p>	<p>Prática vocal e expressiva no início da infância e prática instrumental a partir do 2º ano.</p>
<p>Criatividade musical dos alunos é importante para o seu desenvolvimento musical, pessoal e social.</p>	<p>“[...] A própria música é uma atividade em que faz desenvolver a criatividade e as questões sociais [...] O que eu acho que devíamos fazer era promover mais idas a concertos, a espetáculos. Porque, isto não há hipótese! Para nós imaginarmos outras coisa temos de ver, temos de ouvir muito para depois imaginar. Atualmente, também temos as novas tecnologias que nos ajudam muito.[...]”</p>	<p>Acredita que a atividade musical influencia a capacidade criativa do aluno, para além de o ajudar nas questões sociais.</p>
<p>Costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade</p>	<p>“Sim [...] Eu quando apresento, ou quando trabalho com eles músicas que não fazem parte da vida dessas crianças, [...] Eu julgo que ao dar coisas novas às crianças, coisas que eles desconhecem, estou a desenvolver a criatividade! Porque é uma coisa que eu</p>	<p>Considera que estimula a criatividade musical do aluno ao lhe proporcionar novas aprendizagens.</p>

<p>musical dos alunos.</p>	<p>vou acrescentando e a criatividade vai surgindo. Obviamente que há alunos que estão mais propícios à criatividade do que outros. A criatividade, eu julgo que, deve ser algo hereditário, genético. Também!”</p>	
<p>Formação adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais e criativas em sala de aula.</p>	<p>“Na minha formação faltou as novas tecnologias! [...] Quanto à formação para improvisar, para criar, eu julgo que hove uma falha grande! [...] Eu ando à procura de como proporcionar aos alunos atividades que façam com que os alunos tenham mais criatividade [...] Agora, a minha formação, eu vou fazendo com o meu ordenado, eu vou fazendo a minha formação. [...] Eu também já estudei à muitos anos, mas aquilo era muito pouco evoluído, não sei se é assim que podemos chamar, mas!”</p>	<p>A formação não foi adequada, não só para a criação musical e improvisação, como também no uso das novas tecnologias. Como tal, o docente realiza formações fora do contexto académico.</p>
<p>O que é a criatividade musical.</p>	<p>“Para mim, é quando eu chego à sala e, vou repetir um bocadinho aquilo que disse, é quando chego à sala e alunos que me dizem, “Professor! Inveneti aqui uma música e tal”. Pegam na flauta e conseguem fazer um bocadinho de música. Para mim, isso já é trazer um bocadinho de criatividade para a sala. No fundo, não fui eu que ensinei aquilo, apesar de ter oferecido as bases, de ter dado as armas, ensinei a posição, as notas, o som que deve sair. Mas, não fui eu que compus ou que criei aquilo que eles me mostram. São coisas básicas, mas estão adequadas à idade! Isso para mim é criatividade. Obviamente, que depois quando exploro</p>	<p>A criatividade musical é quando, a partir das aprendizagens de sala de aula, os alunos criam as suas próprias composições.</p>

	<p>audições ativas proporciono também alguma criatividade [...] de vez em quando proporciono também a exploração. E eles também, da mesma forma que trazem para a sala músicas na flauta e muitas vezes também inventam canções [...] Ou chamo um aluno e ele faz uma frase com as mãos (exemplifica) e eu peço uma resposta. Pronto, isto tudo é improvisado, eu sei que é improvisado! Mas também é um bocado a criatividade de cada um. E às vezes fico surpreendido, como é óbvio!”</p>	
<p>Como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.</p>	<p>“Criatividade musical é quando, no contexto de escola, não é? É quando um aluno chega à minha sala e apresenta-me qualquer coisa, ou a cantar ou a tocar num instrumento, feito por ele. Para mim, isso é a criatividade.”</p>	<p>A criatividade musical é quando, a partir das aprendizagens de sala de aula, os alunos criam as suas próprias composições.</p>

ANEXO X - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE E

Cláudia - Boa tarde. Pode falar um pouco de si, seu percurso académico e profissional?

Docente E – Boa tarde, desde já agradecer pelo convite. O meu percurso académico começou por ser em engenharia, não esteve ligado a música, mas sim a engenharia. A primeira licenciatura foi em engenharia do ambiente no Porto, mas sempre fiz em paralelo o Conservatório em trompete, primeiro. E depois, resolvi mudar para flauta transversal aos dezoito anos. Pronto, foi assim uma mudança radical, radical! (risos) Foi uma volta de cento e oitenta graus! Fiz o curso de jazz e fui para o Conservatório da Maia fazer flauta transversal. Prontos, fiz o curso, não é? O curso normal de flauta transversal até ao oitavo grau. Depois, decidi na universidade fazer engenharia, só que continuei com música. No fim da licenciatura fui trabalhar para uma empresa, que por volta de 2007 teve alguns problemas financeiros e fechou! Senti-me, assim um pouco perdida, não sabia se voltava a procurar emprego na área de engenharia ou se me dedicava à música. Naquela altura, quando quis ir para a música os meus pais diziam: “Não, porque não é um curso que dê estabilidade financeira!” Prontos, depois por conselhos de familiares acabei por fazer o tal curso em engenharia. Depois, então, resolvi em 2007 apostar mesmo em formação musical, e, foi também quando iniciei o trabalho nas AEC’s. Uma colega tinha saído da música para ir para a área da saúde e o horário dela estava disponível. E perguntou... Nesse local onde havia as AEC’s não havia concursos, era por convites. Então ela perguntou se eu não queria ir para o lugar dela e ficar com o horário dela. Eu fiquei assim (ar de surpresa) porque eu nunca tinha dado assim aulas, não é? De turma, a crianças de 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º. Eu só dava aulas de instrumento, e então fiquei com umas borboletas na barriga. Não sabia muito bem se aceitava ou não, mas decidi aceitar e foi quando iniciei essa parte inicial em Ensino de Música em contexto de AEC. Decidi também, complementar a minha formação de maneira que as aulas fossem (risos) tivessem algum fundamento, não é? E decidi fazer licenciatura, fiz em Direção Musical, Direção de Orquestra. Depois, fui para o mestrado, que era Pós-Bolonha. Continuei sempre em

contexto AEC até ao final do mestrado. No final do mestrado consegui ficar, entrar no ensino público, e, estive 3 anos em agrupamento. Depois saí do agrupamento, do ensino público e voltei às AEC perto de casa. Entretanto, a minha vida familiar estava a afunilar e, então, precisava de estar perto de casa. Estive em contexto AEC até agora e, neste momento, estou a fazer o mestrado em Educação Musical em Ensino Básico, 2º Ciclo. Não tem 1º nem 3º, não é? Também o 3º Ciclo, neste momento, está paralisado. Portanto, acabamos por estar a investir na nossa formação no 2º Ciclo de maneira que consiga dar uma formação e uma transmissão de conteúdos mais coerente. (risos)

C – Ok, muito obrigada! Então, ao longo destes últimos anos que tipo de atividades tem vindo a desenvolver em sala de aula? Audição, Interpretação, composição, improvisação?

E – Nestes últimos anos tenho, em relação ao ensino em contexto AEC, não é? Que é o contexto em que eu estou neste momento a dar. Nestes 3 anos fora, o ensino particular do instrumento já é outro tipo de ensino. As atividades que nós tentamos desenvolver em sala de aula, o grupo, tentamos desenvolver em sala de aula três domínios: o lúdico, o formativo e o cultural. Portanto, eu tento que as atividades tenham estas características interligadas. E, que esta atividade de audição, interpretação, a prática vocal, instrumental e composição... sempre que esses momentos existam, têm que ser complementados sempre com os outros dois que faltam. Uma aula tem que ter sempre estes três momentos. Isso implica, por exemplo numa audição, eu costumo fazer sempre, no início das aulas, uma audição. Uma audição de vários estilos musicais, aí já estou a apelar ao domínio cultural. (Ah) por eles não conhecerem ou não ouvirem uma música erudita, (risos) não quer dizer que não gostem! Eles, simplesmente, muitos não escutam este tipo de música em casa. Estes tipos de sons, com o tempo eles até começam a gostar e a associar à prática instrumental. “Ah, este instrumento é este!”, “Também gostava de tocar!” Pronto, as minhas atividades de interpretação, a seguir à parte da audição, depois passo para a parte da interpretação. Sempre fazendo alguma música em que eu lhes pergunto se gostam. Ainda agora, quando foi de Natal, por exemplo, para as atividades de Natal eu trouxe imensas músicas, imensas! É claro que acabei por escolher ali um leque de 15 músicas. Mas dentro daquelas não fui eu que lhes disse “Não, é esta que vamos tocar!”, “Vocês

escolhem e eu faço o arranjo”. Então eles, cada turma, por acordo, escolheu a sua música. A partir daí fizemos a interpretação, fiz o arranjo, se alguém me quisesse ajudar a fazer alguma parte de criação estava à vontade. “Ah, posso juntar aqui um instrumento?” E eu acho que isso funciona bem eu não estar a impor uma música. “É só aquela, é aquela que eu quero e é esta que vamos trabalhar”. E acabei por dar um pouco de liberdade para eles escolherem, não é? Para se sentirem mais motivados para trabalharem nas aulas de Educação Musical. E nesta parte, ao lhes dar a escolher, ao tentar perceber os ritmos, as dinâmicas, as intensidades, já lhes estou a dar um pouco da dinâmica do formativo. Estar a dar os conceitos, mas no fundo escondido a mostrar-lhes este tipo de conteúdos. E depois, trabalho lúdico, porque não há esta parte de escrita, a teórica num caderno de música. É tudo prático, tudo muito lúdico, eles estão envolvidos. É claro que há sempre um ou outro que tem um comportamento mais desajustado. Mas, no geral trabalhamos bem! No fundo é assim!

C – Ok, muito obrigada! Quais as atividades em que se sente mais confortável em lecionar? Porquê? E quais parecem ser as que os alunos aderem e gostam mais? Porquê?

E – As atividades que eu me sinta mais á vontade é o domínio instrumental, talvez por eu ter uma formação mais instrumental, não é? Gosto muito de lhes dar os instrumentos para a mão, eles experimentarem e fazer jogos com eles. Eu acho que depois há essa reciprocidade deles, de aderirem muito rápido aos instrumentos, eles preferem tocar a cantar. É visível, eles têm um instrumento à frente, mesmo que sejam umas simples baquetas, põe aquilo à frente e a voz não têm, não é? Às vezes eu digo-lhes “Mas tens um instrumento muito bom à tua frente”, “Qual?”, “Não está bem à tua frente, mas ainda agora fizeste”, “Mas qual? Não estou a ver nenhum!”. “A tua voz”, “Oh!” Porque não é apalpável, não é? Não é visível, não dá para eles brincarem. Eles aderem muito rápido a instrumentos, a qualquer um que seja! Então os pratos, é uma coisa! Acho que desde que tenha dois anos, damos-lhe uns pratos para a mão! E, depois também as novas tecnologias. Se os deixarem ir para os computadores, ou com um telemóvel, ou com um Ipad, um jogo musical, um simples jogo de bolinhas. “Olha, agora vais compor uma música em quadriculados com bolinhas” Cada cor, cada quadrado, uma bolinha, uma nota musical. “Agora, cria aqui um mapa colorido que te vai dar uma música, e podes gravar!” Pronto,

aqui já nem usamos pauta, nem escrita musical, nem a localização das notas na pauta. Um simples jogo! Esta parte digital eles adoram, também. E acho que é muito engraçado! Apela a essa parte de criar, a essa parte de composição, não é? Nessa parte lúdica, a criatividade, eles aderem bastante!

C - Ok, obrigada! Considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno? Porquê? Em que sentido?

E - (Ah) Eu acho que nós, os professores, nós devemos ensinar música com criatividade, acima de tudo! Se nós gostamos muito do que fazemos, isso passa. Claro que há dias bons, há dias maus, mas nós devemos ter um compromisso com as nossas práticas musicais no sentido de dar oportunidades criativas. Assim, é assegurado um desenvolvimento musical e participativo das crianças nestas atividades lúdicas, performativas e culturais. Acho que é mesmo muito importante este compromisso da nossa parte, de incluir estas atividades! E depois, isto vai dar a que eles desenvolvam confiança, também a nível socialização, eles envolvem-se muito mais com os outros, há espaço para a partilha, muito mais seguros e trabalham. Mesmo aqueles mais tímidos ao fim de 5 aulas de criatividade eles já estão a participar, não é? Não há hipótese! Podem ainda não falar muito mas estão a participar, já estão confiantes e seguros com o trabalho que estão a fazer. Estão a aprender a tocar, a fazer música. Aliás, a música é uma forma de jogo que compreendia estas 3 componentes lúdicas, é o domínio, a interpretação e esta parte do jogo, do jogo imaginativo e criativo. Daí vem esta parte do saber fazer que nos permite realizar, realmente, esta parte da inclusão de atividades. Por meio destes jogos eles vivenciam a música desta maneira!

C - Ok, muito obrigada! Nas suas aulas de Educação Musical, considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos? Em que atividades? De certa forma já respondeu a isto, não é? (risos)

E - Sim! (risos) Eu já disse que sim, eu costumo desenvolver atividades na parte instrumental e digital e faço uma que eles gostam, que é xilofone. Portanto, eu tenho um xilofone instalado no pc e projeto no quadro interativo. Então, eu no computador estou a

tocar nas lâminas de xilofone e aquilo aparece tipo uma nuvem e eles vão fazendo ao mesmo tempo. O xilofone, para eles está ao mesmo nível, eles não conseguem perceber muito bem em que nota estou a bater. Então quando eu projeto eles gostam de ver a nuvem. Deixo em todas as aulas irem fazer 2 ou 3, irem fazer eles o jogo, uma questão de 5 minutos eles vão lá. Essa é a parte lúdica que costumo fazer com eles no digital. Integrar as novas tecnologias!

C – Ok! Considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolver atividades musicais criativas em sala de aula? Falo não só de atividades de composição e improvisação, mas também de abordagens mais criativas à audição ou à performance. Se não, o que acha o que faltou.

E – (Ah) A nível de formação... A minha primeira formação em direção de orquestra não houve esta direção, propriamente dita, para as atividades musicais. Esta parte criativa ou composição direcionadas a crianças do Ensino Básico. Realizamos sim atividades de composição, mas direcionadas para um ensino vocacional artístico. (Ah) Agora, no mestrado em Ensino Básico, eu creio que há uma lacuna! Nós não tivemos assim um espaço de composição que fosse direcionado para fazer estas atividades. Sempre tudo abordado de forma leve. Eu tentei procurar a formação nestas atividades de composição ou exemplos de criação com eles, mas fora! Ou seja, formação contínua. E acho que isso, lá está, é o tal compromisso que eu falei anteriormente, que os professores devem ter. Esse compromisso somos nós próprios que temos que fazer com que isso aconteça, procurar formações, ir pesquisando o que estão a fazer. Portanto, estar sempre a par e ir reformulando estas nossas técnicas de formação. Eu acho que realmente faltou na parte de formação, em licenciatura e mesmo no mestrado! Não tivemos mesmo um espaço direcionado que nos ensine a trabalhar com a formalidade das atividades, fazer estas atividades com crianças do Ensino Básico. Seja no 1º Ciclo, no 2º Ciclo, em contexto AEC.

C – Ok! Para si, o que é a criatividade musical e como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo?

E – No fundo, pronto! Criatividade musical para mim, eu acho que é mesmo tentar que haja um desenvolvimento desta parte da criatividade de eles jogarem, de eles fazerem

eles próprios, não é? Algo, serem eles a inventar algo. No fundo, acho que é mesmo isso! A criatividade é a invenção. Se lhes der um parafuso eles são capazes de criar um carro. Eu vou dar só um exemplo, eu dou um papel e um lápis ao meu filho e ele faz ali um carro de bombeiros. Portanto, dei ferramentas para ele criar ali um desenho só com um lápis. Acho que essa parte ligada à música é mesmo dar-lhes instrumentos e eles poderem inventar sem ter a perspetiva do fim. Só o poderem tocar, fazer essa experimentação musical, este jogo musical. E, isto realmente, o ensino para a criatividade eu acho que focaliza mesmo na criatividade dos alunos. Depois, no fundo, eles ao criar estão a aprender! Se não criarem só aprendem porque nós lhes dizemos, eles não aprendem a fazer eles próprios. “Eu quero assim!” Isso é objetivo e depois eles não sabem fazer de mais nenhuma maneira porque também não experimentaram. (Ah) Como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo? Acho que é mesmo quando ele participa, colaborativamente! Experimenta sozinho e depois com os outros. “Eu quero fazer!”, “Eu quero mostrar!” Portanto, isso já mostra que ele está a participar, que está a ser ativo na improvisação e composição. (Ah)

C – Ok, muito obrigada pela sua perspetiva! Tenho ânsias de começar a trabalhar segundo o seu depoimento. Muito obrigada!

E – Boa sorte no seu percurso profissional! (risos)

Categoria	Citação	Análise
Percurso académico e profissional	<p>“[...] A primeira licenciatura foi em engenharia do ambiente no Porto, mas sempre fiz em paralelo o Conservatório em trompete, primeiro. E depois, resolvi mudar para flauta transversal aos dezoito anos. [...] Fiz o curso de jazz e fui para o Conservatório da Maia fazer flauta transversal. [...] No fim da licenciatura fui trabalhar para uma empresa, [...] apostar mesmo em formação musical, e, foi também quando</p>	<p>Licenciatura em engenharia do ambiente; Trabalhou enquanto engenheira; Licenciatura em Direção Musical; Trabalha em contexto AEC;</p>

	<p>inicie o trabalho nas AEC's. [...] foi quando iniciei essa parte inicial em Ensino de Música em contexto de AEC. Decidi também, complementar a minha formação de maneira a que as aulas fossem (risos) tivessem algum fundamento, não é? E decidi fazer licenciatura, fiz em Direção Musical, Direção de Orquestra. Depois, fui para o mestrado, que era Pós-Bolonha. Continuei sempre em contexto AEC até ao final do mestrado. No final do mestrado consegui ficar, entrar no ensino público, e, estive três anos em agrupamento. [...] Estive em contexto AEC até agora e, neste momento, estou a fazer o mestrado em Educação Musical em Ensino Básico, 2º Ciclo. [...]"</p>	<p>Mestranda em Educação Musical.</p>
<p>Atividades desenvolvidas em sala de aula</p>	<p>"[...] As atividades que nós tentamos desenvolver em sala de aula, o grupo, tentamos desenvolver em sala de aula três domínios: o lúdico, o formativo e o cultural. Portanto, eu tento que as atividades tenham estas características interligadas. E, que esta atividade de audição, interpretação, a prática vocal, instrumental e composição... sempre que esses momentos existam, têm que ser complementados sempre com os outros dois que faltam. Uma aula tem que ter sempre estes três momentos. Isso implica, por exemplo numa audição, eu costumo fazer sempre, no início das aulas, uma audição. Uma audição de vários estilos musicais, aí já estou a apelar ao domínio cultural. (Ah) por eles</p>	<p>Desenvolver em sala de aula atividades musicais que enfatizem três domínios: o lúdico, o formativo e o cultural.</p> <p>Atividades de audição, interpretação, composição e improvisação.</p>

	<p>não conhecerem ou não ouvirem uma música erudita, (risos) não quer dizer que não gostem! Eles, simplesmente, muitos não escutam este tipo de música em casa. Estes tipos de sons, com o tempo eles até começam a gostar e a associar à prática instrumental. “Ah, este instrumento é este!”, “Também gostava de tocar!” Pronto, as minhas atividades de interpretação, a seguir à parte da audição, depois passo para a parte da interpretação. Sempre fazendo alguma música em que eu lhes pergunto se gostam. [...] A partir daí fizemos a interpretação, fiz o arranjo, se alguém me quizesse ajudar a fazer alguma parte de criação estava à vontade. “Ah, posso juntar aqui um instrumento?” E eu acho que isso funciona bem eu não estar a impôr uma música. “É só aquela, é aquela que eu quero e é esta que vamos trabalhar”. E acabei por dar um pouco de liberdade para eles escolherem, não é? Para se sentirem mais motivados para trabalharem nas aulas de Educação Musical. E nesta parte, ao lhes dar a escolher, ao tentar perceber os ritmos, as dinâmicas, as intensidades, já lhes estou a dar um pouco da dinâmica do formativo. Estar a dar os conceitos, mas no fundo escondido a mostrar-lhes este tipo de conteúdos. E depois, trabalho lúdico, porque não há esta parte de escrita, a teórica num caderno de música. É tudo prático, tudo muito lúdico, eles estão envolvidos. É claro que há sempre um ou outro que tem um</p>	
--	---	--

	comportamento mais desajustado. Mas, no geral trabalhamos bem! No fundo é assim!"	
Atividades em que se sente mais confortável em lecionar	“As atividades que eu me sinto mais á vontade é o domínio instrumental , talvez por eu ter uma formação mais instrumental, não é? Gosto muito de lhes dar os instrumentos para a mão, eles experimentarem e fazer jogos com eles. Eu acho que depois há essa reciprocidade deles, de aderirem muito rápido aos instrumentos, eles preferem tocar a cantar. [...]	A docente sente-se mais confiante com a prática instrumental, não só pela influência da sua formação, mas também porque os alunos gostam bastante.
Atividades em que alunos aderem e gostam mais	Eles aderem muito rápido a instrumentos , a qualquer um que seja! [...] E, depois também as novas tecnologias . Se os deixarem ir para os computadores, ou com um telemóvel, ou com um Ipad, um jogo musical, um simples jogo de bolinhas. “Olha, agora vais compôr uma música em quadriculados com bolinhas” Cada cor, cada quadrado, uma bolinha, uma nota musical. “Agora, cria aqui um mapa colorido que te vai dar uma música, e podes gravar!” Pronto, aqui já nem usamos pauta, nem escrita musical, nem a localização das notas na pauta. Um simples jogo! Esta parte digital eles adoram , também. E acho que é muito engraçado! Apela a essa parte de criar, a essa parte de composição, não é? Nessa parte lúdica, a criatividade, eles aderem bastante!”.	Os alunos gostam bastante de prática instrumental e adoram o uso das novas tecnologias em sala de aula.

<p>Criatividade musical dos alunos é importante para o seu desenvolvimento musical, pessoal e social.</p>	<p>“(Ah) Eu acho que nós, os professores, nós devemos ensinar música com criatividade, acima de tudo! Se nós gostamos muito do que fazemos, isso passa. Claro que há dias bons, há dias maus, mas nós devemos ter um compromisso com as nossas práticas musicais no sentido de dar oportunidades criativas. Assim, é assegurado um desenvolvimento musical e participativo das crianças nestas atividades lúdicas, performativas e culturais. Acho que é mesmo muito importante este compromisso da nossa parte, de incluir estas atividades! E depois, isto vai dar a que eles desenvolvam confiança, também a nível socialização, eles envolvem-se muito mais com os outros, há espaço para a partilha, muito mais seguros e trabalham. Mesmo aqueles mais tímidos ao fim de cinco aulas de criatividade eles já estão a participar, não é? Não há hipótese! Podem ainda não falar muito mas estão a participar, já estão confiantes e seguros com o trabalho que estão a fazer. Estão a aprender a tocar, a fazer música. Aliás, a música é uma forma de jogo que compreendia estas três componentes lúdicas, é o domínio, a interpretação e esta parte do jogo, do jogo imaginativo e criativo. Daí vem esta parte do saber fazer que nos permite realizar, realmente, esta parte da inclusão de atividades. Por meio</p>	<p>As práticas musicais dão oportunidade à criação. Através da criatividade musical desenvolvida em sala de aula, é assegurado um desenvolvimento musical, social e participativo das crianças.</p> <p>As atividades de criação musical permitem que o aluno desenvolva confiança e segurança no seu trabalho desenvolvido.</p>
--	---	---

	destes jogos eles vivenciam a música desta maneira!"	
Costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos.	<p>"Sim! (risos) Eu já disse que sim, eu costumo desenvolver atividades na parte instrumental e digital e faço uma que eles gostam, que é xilofone. Portanto, eu tenho um xilofone instalado no pc e projeto no quadro interativo. Então, eu no computador estou a tocar nas lâminas de xilofone e aquilo aparece tipo uma nuvem e eles vão fazendo ao mesmo tempo. O xilofone, para eles está ao mesmo nível, eles não conseguem perceber muito bem em que nota estou a bater. Então quando eu projeto eles gostam de ver a nuvem. Deixo em todas as aulas irem fazer duas ou três, irem fazer eles o jogo, uma questão de cinco minutos eles vão lá. Essa é a parte lúdica que costumo fazer com eles no digital. Integrar as novas tecnologias!"</p>	Sim, através da prática instrumental e com recurso ao digital.
Formação adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais e criativas em sala de aula.	<p>[...] Agora, no mestrado em Ensino Básico, eu creio que há uma lacuna! Nós não tivemos assim um espaço de composição que fosse direcionado para fazer estas atividades. Sempre tudo abordado de forma leve. Eu tentei procurar a formação nestas atividades de composição ou exemplos de criação com eles, mas fora! Ou seja, formação contínua. E acho que isso, lá está, é o tal compromisso que eu falei anteriormente, que os professores devem ter. Esse compromisso somos nós próprios que temos que fazer com que isso aconteça, procurar formações, ir</p>	A formação de professores não dá espaço para a criação e composição. Como tal, a docente realiza formações fora do contexto académico.

	<p>pesquisando o que estão a fazer. Portanto, estar sempre a par e ir reformulando estas nossas técnicas de formação. Eu acho que realmente faltou na parte de formação, em licenciatura e mesmo no mestrado! Não tivemos mesmo um espaço direcionado que nos ensine a trabalhar com a formalidade das atividades, fazer estas atividades com crianças do Ensino Básico. Seja no 1º Ciclo, no 2º Ciclo, em contexto AEC.”</p>	
<p>O que é a criatividade musical.</p>	<p>No fundo, pronto! Criatividade musical para mim, eu acho que é mesmo tentar que haja um desenvolvimento desta parte da criatividade de eles jogarem, de eles fazerem eles próprios, não é? Algo, serem eles a inventar algo. No fundo, acho que é mesmo isso! A criatividade é a invenção. [...]”</p>	<p>Criatividade é invenção. É a aplicação e desenvolvimento da criatividade musicalmente.</p>
<p>Como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.</p>	<p>“[...] Acho que essa parte ligada à música é mesmo dar-lhes instrumentos e eles poderem inventar sem ter a perspetiva do fim. Só o poderem tocar, fazer essa experimentação musical, este jogo musical. E, isto realmente, o ensino para a criatividade eu acho que focaliza mesmo na criatividade dos alunos. Depois, no fundo, eles ao criar estão a aprender! Se não criarem só aprendem porque nós lhes dizemos, eles não aprendem a fazer eles próprios. [...] Acho que é mesmo quando ele participa, colaborativamente! Experimenta sozinho e depois com os outros. “Eu quero fazer!”, “Eu quero mostrar!”</p>	<p>Capacidade de inventar num instrumento musical sem objetivo.</p>

	<p>Portanto, isso já mostra que ele está a participar, que está a ser ativo na improvisação e composição. (Ah)”</p>	
--	--	--

ANEXO XI - TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE À ENTREVISTA AO DOCENTE F

Cláudia - Boa tarde. Pode falar um pouco de si, seu percurso académico e profissional?

F - Olá, muito boa tarde! O meu percurso académico não começou na música. Eu entrei tarde para o Conservatório, com 16 anos, não entrei com os habituais 10 anos, não é? (risos) Fiz em paralelo a licenciatura em Gestão e estava ao mesmo tempo no Conservatório no curso básico e complementar. Acabei o 6º grau em flauta de bisel e fiz o 7º em Formação Musical. Depois de acabar Gestão e acabar o Conservatório, entrei para a licenciatura em Canto Teatral no Conservatório de Música Superior de Gaia. Começou aí a minha atividade na música. Depois, (ah) depois da licenciatura comecei a trabalhar em AEC, em Gaia, pela câmara de Gaia, e, ao mesmo tempo em Performance na Universidade de Aveiro, em Performance de Canto. Em paralelo estava a trabalhar em AEC, continuei a a trabalhar em AEC, e, em 2020 inscrevi-me no mestrado em Ensino de Educação Musical. Estou a terminar o 2º ano, estou na parte do estágio.

C - Ok, muito obrigada! Ao longo destes últimos anos que tipo de atividades tem vindo a desenvolver em sala de aula? Falo, por exemplo em audição, interpretação, composição, improvisação?

F - Como eu venho da área do canto (risos) influenciada ou não, pronto! Dou mais primazia à expressão vocal e à afinação dos alunos. (Ah) Começo sempre por fazer um aquecimento para a aula que vai ser dada. Tento fazer todas as aulas a interpretação de uma canção ou de uma música com instrumentos de percussão de altura indefinida. Também, em algumas aulas faço exercícios de improvisação e composição.

C - Ok! Quais as atividades em que se sente mais confortável em lecionar? E, porquê? E quais parecem ser as que os alunos aderem e gostam mais? E, porquê?

F – As atividades em que eu me sinto mais confortável são aquelas relacionadas com o canto, aquelas relacionadas com ensinar uma canção, interpretar uma canção. (Ah) Pronto, é nisso em que eu me sinto mais confortável! Aquilo que eu acho que os alunos gostam mais, em que se sentem mais motivados na aula, mesmo atentos, é quando pegam em instrumentos. Porque, normalmente, não é? Eles estão, na realidade de AEC em que eu dou, eles estão todo o dia sentados na sala, não é? E estão a escrever, estão nas aulas habituais, e os instrumentos é aquilo que sai um bocadinho do habitual deles. Então, eles gostam muito de trabalhar com instrumentos! Pronto, são essas as atividades que eles gostam mais de fazer.

C – Ok! Considera que a inclusão de atividades que, de alguma forma estimulem a criatividade musical dos alunos é importante para o desenvolvimento musical, pessoal e social do aluno? Porquê e em que sentido?

F – Sim, eu acho muito importante! Porque, eles, o mundo deles precisa de muita criatividade, o mundo deles é muito ligado às tecnologias. Eles estão a ser constantemente estimulados e eles precisam mesmo que também seja estimulada a criatividade neles, e, é muito importante para eles para se desenvolverem em todos os níveis. (Ah) Eu acho que a música, não só a música mas todas as áreas artísticas, fazem-lhes bem, também, porque tiram-lhes um bocadinho da área de conforto, não é? Têm que fazer coisas diferentes e têm que reagir no imediato e isso é uma preparação para a vida futura deles, não é? Já é para a atual e futura!

C – Ok! (risos) Nas suas aulas de Educação Musical, considera que costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos? E se sim, quais?

F – (Ah) Sim! Provavelmente, nem em todas as aulas, mas eu tento sempre! Mesmo que seja na parte só vocal, mesmo que a aula seja só vocal, eu tento sempre que eles, que haja sempre um bocadinho de improvisação ou composição da parte deles. Por exemplo, quando estamos no aquecimento há exercícios em que posso ser a fazer, mas como é habitual e rotineiro eles fazerem este tipo de exercícios, dou-lhes também a oportunidade serem eles a fazer, um em cada aula. Aí eles já vão tentando fazer um bocadinho de improvisação, improvisar um bocadinho. Também em música, em canções também pode

ser feito isso, não é? Ou seja, cantar uma canção de uma forma habitual ou então pedir-lhes para eles mudarem um bocadinho ou para mudarem a música no imediato, ou mudarem a letra, também. E, com instrumentos é a mesma coisa, também rítmica, dar-lhes espaço para que eles façam coisas diferentes do habitual.

C – Ok, obrigada! Considera que a sua formação foi adequada e suficiente para desenvolver atividade musicais criativas em sala de aula? Falo não só de atividades de composição e improvisação, mas também de abordagens mais criativas à audição ou à performance. Se não, o que acha o que faltou?

F – (Ah, risos) Eu acho que a formação de professores não está adaptada para aulas práticas! É sempre tudo muito teórico, claro que também é importante a teoria para sabermos o que se passa à nossa volta, mas acima de tudo é muito importante a parte prática. E, quando os professores estão sempre a falar que é preciso haver uma mudança no ensino, que as coisas não se podem fazer como se faziam antigamente. Só que depois na prática isso não acontece! E, é feito outra vez tudo como se faz antigamente. Eu, como venho de uma formação clássica, (ah) clássica erudita (risos), não há espaço muito para a composição e improvisação. É isso também que falta em cursos de música mais ligados à parte erudita! Mesmo a performance, que se fala muito em fazer performances mais atuais, mais contemporâneas, mas não é muito consensual, e mesmo os músicos, às vezes também não sabem como fazê-lo porque também não tiveram isso na sua formação. A mesma coisa acontece para a formação de professores. É muito importante os professores estimularem muito isso nos alunos, não é? Eu, no meu caso, procuro sempre fazer formações, estou a fazer o mestrado mas procuro sempre fazer formações à parte que tentem compensar esse tema, não é? Para trabalhar isso da melhor forma possível nas aulas, e, também, e de forma informada!

C – Compreendo! Para si, o que é a criatividade musical e como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo?

F – (Ah) A criatividade musical, para mim, é ser capaz de responder a um estímulo imediato na música! E, eu vejo que um aluno nas aulas consegue fazê-lo, porque as crianças, eu dou aulas a crianças, as crianças são muito espontâneas e verdadeiras, no

sentido de que nós conseguimos ver na cara delas se elas estão a perceber, se não estão a perceber, se está a ser difícil ou não. É quando uma criança, de repente, começa a fazer alguma coisa que não lhe foi pedido, ou até pode ter sido pedido, mas que é espontâneo, que (ah) estão-me a faltar as palavras! (risos) Que chega lá sem nós, os professores, dizermos o caminho pelo qual é preciso para lá chegar. E, consegue ser... surgiu-me uma ideia, (risos) mas as palavras não me surgem. Para mim é isso, é reagir espontaneamente a estímulos.

C – Ok, certo! (risos) Bom, muito obrigada pela sua colaboração!

F – Obrigada eu!

Categoria	Citação	Análise
<p>Percurso académico e profissional</p>	<p>“(…) Fiz em paralelo a licenciatura em Gestão [„] Acabei o 6º grau em flauta de bisel e fiz o 7º em Formação Musical. (...) licenciatura em Canto Teatral [...] comecei a trabalhar em AEC, em Gaia, pela câmara de Gaia, e, ao mesmo tempo em Performance na Universidade de Aveiro, em Performance de Canto. [...] e, em 2020 inscrevi-me no mestrado em Ensino de Educação Musical. Estou a terminar o 2º ano, estou na parte do estágio.”</p>	<p>Licenciada em Gestão; Licenciada em Performance de canto; Mestranda em Educação Musical; Experiência em lecionar AEC.</p>
<p>Atividades desenvolvidas em sala de aula</p>	<p>“Como eu venho da área do canto (risos) influenciada ou não, pronto! Dou mais primazia à expressão vocal e à afinação dos alunos. (Ah) Começo sempre por fazer um aquecimento para a aula que vai ser dada. Tento fazer todas as aulas a interpretação de uma canção</p>	<p>Primatiza a expressão vocal, no entanto também desenvolve expressão instrumental com instrumentos de altura</p>

	<p>ou de uma música com instrumentos de percussão de altura indefinida. Também, em algumas aulas faço exercícios de improvisação e composição."</p>	<p>indefinida, exercícios de improvisação e composição.</p>
<p>Atividades em que se sente mais confortável em lecionar</p>	<p>"As atividades em que eu me sinto mais confortável são aquelas relacionadas com o canto, aquelas relacionadas com ensinar uma canção, interpretar uma canção. (Ah) Pronto, é nisso em que eu me sinto mais confortável!"</p>	<p>Prática vocal</p>
<p>Atividades em que alunos aderem e gostam mais</p>	<p>"[...] Aquilo que eu acho que os alunos gostam mais, em que se sentem mais motivados na aula, mesmo atentos, é quando pegam em instrumentos. Porque, normalmente, não é? Eles estão, na realidade de AEC em que eu dou, eles estão todo o dia sentados na sala, não é? E estão a escrever, estão nas aulas habituais, e os instrumentos é aquilo que sai um bocadinho do habitual deles. Então, eles gostam muito de trabalhar com instrumentos! Pronto, são essas as atividades que eles gostam mais de fazer."</p>	<p>Prática instrumental, pois é diferente da habitual</p>
<p>Criatividade musical dos alunos é importante para o seu desenvolvimento musical, pessoal</p>	<p>"Sim, eu acho muito importante! Porque, eles, o mundo deles precisa de muita criatividade, o mundo deles é muito ligado às tecnologias. Eles estão a ser constantemente estimulados e eles precisam mesmo que também seja estimulada a criatividade neles, e, é muito importante para eles para se desenvolverem em todos os níveis. (Ah) Eu acho que a música, não só a música</p>	<p>Sim, a prática musical e artística tira os alunos das suas zonas de conforto. O mundo deles precisa de ser estimulado, precisa de criatividade.</p>

	<p>mas todas as áreas artísticas, fazem-lhes bem, também, porque tiram-lhes um bocadinho da área de conforto, não é? Têm que fazer coisas diferentes e têm que reagir no imediato e isso é uma preparação para a vida futura deles, não é? Já é para a atual e futura!”</p>	
<p>Costuma desenvolver atividades que estimulam a criatividade musical dos alunos.</p>	<p>“(Ah) Sim! Provavelmente, nem em todas as aulas, mas eu tento sempre! Mesmo que seja na parte só vocal, mesmo que a aula seja só vocal, eu tento sempre que eles, que haja sempre um bocadinho de improvisação ou composição da parte deles. Por exemplo, quando estamos no aquecimento há exercícios em que posso ser eu a fazer, mas como é habitual e rotineiro eles fazerem este tipo de exercícios, dou-lhes também a oportunidade serem eles a fazer, um em cada aula. Aí eles já vão tentando fazer um bocadinho de improvisação, improvisar um bocadinho. Também em música, em canções também pode ser feito isso, não é? Ou seja, cantar uma canção de uma forma habitual ou então pedir-lhes para eles mudarem um bocadinho ou para mudarem a música no imediato, ou mudarem a letra, também. E, com instrumentos é a mesma coisa, também rítmica, dar-lhes espaço para que eles façam coisas diferentes do habitual.”</p>	<p>Sim, realiza exercícios de improvisação e composição nos exercícios de aquecimento vocal, na prática vocal. Criação musical com instrumentos.</p>
<p>Formação adequada e suficiente para</p>	<p>“Eu acho que a formação de professores não está adaptada para aulas práticas! É sempre tudo muito teórico, claro que também é importante</p>	<p>Na sua opinião, a formação de professores não está adaptada para aulas práticas. Por isso, considera que não foi</p>

<p>desenvolver atividade musicais e criativas em sala de aula.</p>	<p>a teoria para sabermos o que se passa à nossa volta, mas acima de tudo é muito importante a parte prática. E, quando os professores estão sempre a falar que é preciso haver uma mudança no ensino, que as coisas não se podem fazer como se faziam antigamente. Só que depois na prática isso não acontece! E, é feito outra vez tudo como se faz antigamente. Eu, como venho de uma formação clássica, (ah) clássica erudita (risos), não há espaço muito para a composição e improvisação. É isso também que falta em cursos de música mais ligados à parte erudita! Mesmo a performance, que se fala muito em fazer performances mais atuais, mais contemporâneas, mas não é muito consensual, e mesmo os músicos, às vezes também não sabem como fazê-lo porque também não tiveram isso na sua formação. A mesma coisa acontece para a formação de professores. É muito importante os professores estimularem muito isso nos alunos, não é? Eu, no meu caso, procuro sempre fazer formações, estou a fazer o mestrado mas procuro sempre fazer formações à parte que tentem compensar esse tema, não é? Para trabalhar isso da melhor forma possível nas aulas, e, também, e de forma informada!"</p>	<p>adequada para o desenvolvimento de atividades musicais criativas em sala de aula. Como tal, procura fazer formações à parte para trabalhar a criatividade musical em sala de aula.</p>
<p>O que é a criatividade musical.</p>	<p>"(Ah) A criatividade musical, para mim, é ser capaz de responder a um estímulo imediato na música [...]!"</p>	<p>Capacidade de resposta imediata ao estímulo musical</p>

<p>Como é que um aluno demonstra que está a ser musicalmente criativo.</p>	<p>“[...] E, eu vejo que um aluno nas aulas consegue fazê-lo, porque as crianças, eu dou aulas a crianças, as crianças são muito espontâneas e verdadeiras, no sentido de que nós conseguimos ver na cara delas se elas estão a perceber, se não estão a perceber, se está a ser difícil ou não. É quando uma criança, de repente, começa a fazer alguma coisa que não lhe foi pedido, ou até pode ter sido pedido, mas que é espontâneo, que (ah) estão-me a faltar as palavras! (risos) Que chega lá sem nós, os professores, dizermos o caminho pelo qual é preciso para lá chegar. E, consegue ser... surgiu-me uma ideia, (risos) mas as palavras não me surgem. Para mim é isso, é reagir espontaneamente a estímulos.”</p>	<p>É quando um aluno, por vontade própria, manifesta-se espontaneamente a estímulos musicais.</p>
---	--	---

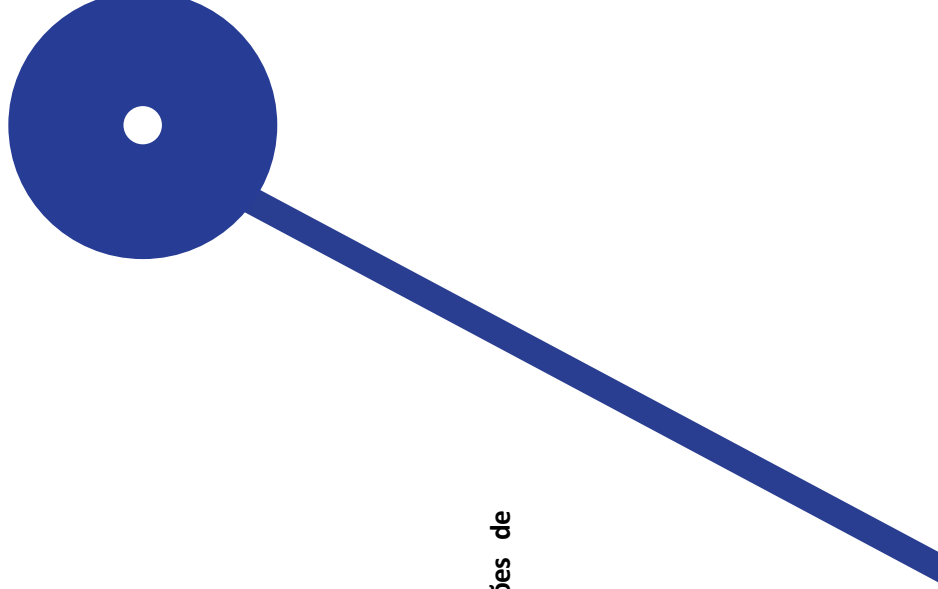
ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico



**Conceções de criatividade musical: perceções de
docentes de Música das AEC**

Cláudia Maria Araújo Carneiro